

PULP FICTION

BRUNO RIBEIRO
CABRAL CORREIA
DANIEL CÚRIO
FRANCISCO ELBER
JEFFERSON FIGUEIREDO
JOSÉ ROBERTO VIEIRA
JUSSIÊ TORRES
LED FRANZOSO
MICKAEL MENEGETI
MURILO REIS
VALTER DO CARMO MOREIRA
VILTO REIS

REVISTA DE CONTOS/ 2ª EDIÇÃO
TEMA: SÉRGIO LEONE/FAROESTE
MARÇO DE 2016



HOMO
LITERATUS



NOCAUTE



**PULP
FICTION**



**HOMO
LITERATUS**



NOCUTE



EDITORIAL

Antes de tudo, desculpem-nos pela demora - havíamos prometido ser trimestrais e estamos tentando.

Gostaria de agradecer a todos os contos enviados - foram mais de 250 contos nesta edição - e à paciência de todos que aguardaram o lançamento. Como foram muitos contos, levamos mais tempo do que o esperado. Porém, ao ler, verão que mantemos o nosso ideal: narrativas com boas tramas.

Esperamos receber cada vez mais contos.

Foi difícil chegar aos 10 selecionados.

É gratificante ver que tantas pessoas ainda se deliciam com Spaghetti Western.

A partir desta edição, a revista se dividirá em duas seções. Cinco contos Pulp Fiction e cinco contos de Western - ou das próximas temáticas, de acordo com o tema proposto.

Além dos 10 contos, nesta edição, temos uma surpresa. Esperamos que todos apreciem.

Na última página, você encontrará o tema do próximo número da revista.

Continuamos abertos para futuras publicações.

Evitem plágios, por gentileza, pois isso poderá nos acarretar alguns problemas.

Enquanto revista literária, a PULP FICTION não tem interesses financeiros, e sim ser um espaço para jovens escritores em busca de visibilidade para seus textos.

Acima de tudo, divirtam-se.

EDITORES:

Jefferson Figueiredo
Vilto Reis

REVISÃO:

Walter Bach

CAPA E PROJETO GRÁFICO:

Vilto Reis

REALIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Homo Literatus
Editora Nocaute

ÍNDICE

BARTOLOMEU 6
Por Bruno Ribeiro

A SEREIA 14
Por Cabral Correia

MUNDO CÃO 18
Por Jussie Torres

CARLOS E O REI 25
Por Led Franzoso

DOIS TIPOS DE PESSOAS 28
Por Vilto Reis

SEÇÃO FAROESTE: 31

TRÊS DEDOS 32
Por Daniel Cúrio

BANG 41
Por Jefferson Figueiredo

O COIOTE METÁLICO 45
Por José Roberto Vieira

JOHN MCLOVING E A VENDETA DO VENTRÍLOQUO CARECA 52
Por Mickael Menegheti

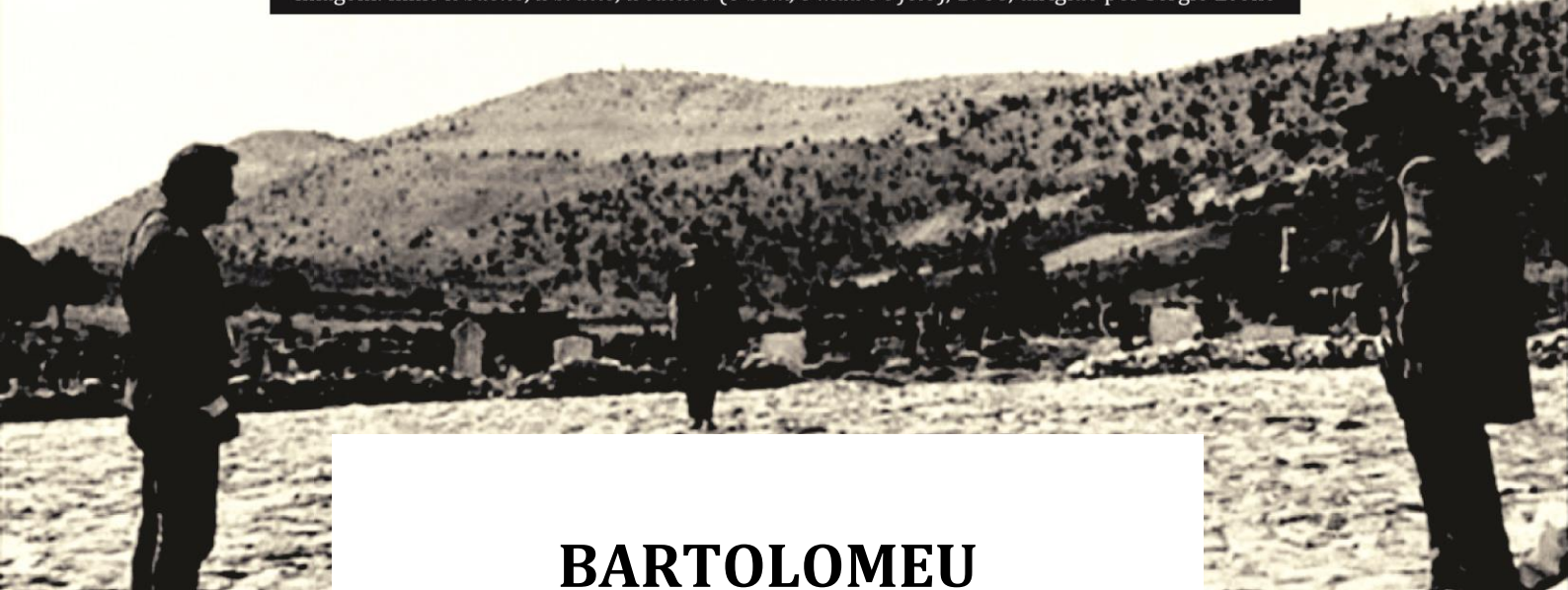
O FORASTEIRO SEM NOME 59
Por Murilo Reis

ESPECIAL:

O EVANGELHO DO INFANTICIDA 61
Por Valter do Carmo Moreira/Francisco Elber

TEMA DA PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA 67





BARTOLOMEU

Por Bruno Ribeiro

Meu nome é Bartolomeu e a situação não é favorável. Ela vai ligar, eu sei que vai. Observo meu relógio. O trabalho deve ser feito. Fim de assunto. O ônibus para na rodoviária às 18h43min. Meu celular começa a tocar, rodoviária cheia, ruído, crianças chorando, um termômetro do inferno. Atendo, confirmo o que já sabia: Ingrid.

“Onde você tá, amor?”

“Belo Horizonte.”

“Outro trabalho para a travesti? Sério?”

“Só vim entregar uma encomenda para ela.”

“Bartô.”

“Por favor, Ingrid.”

“Você disse que seria o último trabalho.”

“Dessa vez realmente será o último, meu amor.”

Ela desliga o celular.

Desço. Sento um pouco. Refresco a cabeça tomando uma garrafinha de água. Amarro meus cabelos.

Reflito um pouco sobre o trabalho, pego meu Iphone e confirmo as informações que Mona passou: “Se liga, o meu amigo Queixo de Pedra vai te encontrar no Jack Rock Bar: Av. Contorno, 5623. Às 19:40. Lá ele vai te dar as informações restantes. Tem pousadas por perto, se vira para achar. Hoje é quinta, não sei quanto tempo você vai demorar, visto que não posso te dar acessos ou coisas do tipo, mas faça o serviço até amanhã. No sábado ele vai fazer uma promoção no restaurante, e bem, sábado é dia de ganhar dinheiro aqui no meu. Ok? Se brincar até consigo faturar fazendo os quitutes do velório do presunto. Agiliza o processo. Beijos, lindo.”

Leio e apago o e-mail em seguida. Até sexta. Eu queria concretizar no domingo. Gosto de fazer as coisas com certa paixão estratégica. Versatilidade, diálogo, conhecimento, olho no olho. Tenho excitação em conhecer as encomendas: o empresário que se afoga na banheira. A atriz que pula da janela. O traficante com um tiro na cabeça. A esposa com o

pescoço cortado. Adoro conhecê-los.

Se eu fosse pela Av. do Contorno e Av. Brasil iria demorar menos. Pouca diferença. Digo para o taxista com bigode e cheiro de nicotina para pegar a Av. Paraná. Ele consente com a cabeça, liga o carro e acelera. Peço para ele ir devagar. Ele sorri, diz que o trânsito está tranquilo. “Nunca está”, digo. Passamos por uma espécie de galeria antiga. Holofotes com luzes fortes e azuis reluzem nos outdoors velhos que estão colados na fachada do lugar; todos com modelos e marcas de roupas fashion. Em um deles, vejo um homem com calças jeans pretas, colares de exército, cabelos claros e longos, óculos escuros e língua para fora. Na altura do seu pau, uma ruiva simula um boquete, ao lado dos dois, a marca: Colcci. O outdoor estava descolorido, devia ser de dez anos atrás, no mínimo. Mesmo distante, eu posso sentir o cheiro de velho dessa galeria. De passado. De traumas. Fico feliz em saber que meu rosto não mudou. Fico com saudades da ruiva. Excelente boquete, um dos melhores. Só não fico feliz em saber que esse outdoor ainda exista. 19h04min. Pago o taxista, estou na Av. Contorno, em frente ao Jack Rock Bar. Típico pub alternativo. Pergunto ao taxista se tem alguma pousada ou hotel por perto. Ele me indica três, diz que tem o Toronto Tower Residence, na Rua Ceará, logo acima. O Liberty Palace e Promenade na Rua Paraíba. Sigo para o Toronto Tower, por ser mais próximo. Faço meu registro e vou ao quarto, 302. Tiro algumas roupas limpas da minha mochila e deixo em cima da cama. Quarto grande, espaçoso, abajur egípcio vermelho, delicado, feito de resina, lâmpada de LED 3W, 12cm de diâmetro, pelo cheiro é importado: fiquei com vontade de levar. Sigo para o bar.

“O nome do bar é por causa da música The Jack do AC/DC, saca?” A garçonete tem cabelo azul, piercing no nariz e brincos espalhados pelas orelhas. Masca um chiclete que faz mais barulho do que o rock ruidoso que toca. Ela se chama Blue Diamond. Estou no balcão, tomando água, conversando com ela e vendo algumas poucas pessoas jogando sinuca. É o tipo de bar que funciona melhor na madrugada. Pisco o olho para a Diamond, observo ao redor novamente, o som realmente me incomoda. Bastardos, mal sabem que o blues começou tudo, e agora, somos obrigados a falar que isso é rock. Malditos: isso é sujeira. E das ruins.

Um homem entra no bar, de imediato, quase arrombando. Sem dúvidas alguma é o Queixo de Pedra. Ele faz jus ao apelido.

“Sou Bartolomeu. As informações, Queixo.”

“Vamos conversar, cara. A Mona disse que tu manja pra caralho do lance de matar, né não?”

“Putá merda... Mona me arruma cada um. Estou indo embora. Qual o nome? Qual o endereço do restaurante?”

“Olha, o dono tá morando no próprio restaurante, a Mona mandou dizer...”

“Não quero informações vazias. Só quero o endereço e nome da figura.”

“Calminha,” ele pega um papel todo amassado no bolso, “Rua Lavras, é pertinho daqui, 178. Restaurante Persona. O nome é Renato Peixoto. Cidadão jovem, todo cheio de pose, se puder fode com o rosto dele. Mó metidinho, eu mesmo ia fazer o trabalho, mas a Mona disse que era melhor um...”

“Tchau, Queixo.”

“Ei, vamos conversar, cê precisa me dar umas dicas, mano.”

Enquanto saio do bar, paro por alguns instantes na porta. Olho para trás, Diamond sorri, Queixo de Pedra me encara; os roqueiros retornam para suas mesas. Está tocando Muddy Water. Aponto meu dedo indicador para ela, Lucy pisca os olhos azuis seguindo o ritmo da música. Poesia pura. Uma benção ao meu trabalho. “Bela despedida.” Sussurro para mim, enquanto fecho a porta de madeira, trôpego de alegria.

Restaurante Persona, Rua Lavras, 178.

Pratos personalizados. O cliente é quem manda. Culinária dos signos: venha conhecer!

Pesquisei o nome do Alvo: Renato Peixoto, chef, estudou culinária em Londres, vive em Minas há 6 anos. Figura conhecida no meio. Droga. Mona me coloca em cada uma. Pesquisa básica é essencial. Odeio que me contem sobre a pessoa, prefiro pesquisar por conta própria. Decido ir de táxi, não é muito longe. Abro a janela e fecho os olhos.

A entrada do restaurante é chamativa, postes com luzes brancas ao redor, árvores pela rua, um clima europeu surge quando eu desço do táxi e jogo o dinheiro nas pernas do motorista. Um enorme letreiro azul escuro indica o nome do local: PERSONA. Um segurança de terno, cabeça raspada e ombros largos na entrada. Dois flanelinhas. Uma padaria fechada à direita. Uma galeria fechada à esquerda. Condomínios e casas ao redor. Lembrei que o Queixo disse que o cara mora no restaurante. Pelo tamanho do local, vejo que é possível. Comprimento o segurança, pergunto se está muito cheio, ele diz que mais ou menos. Um cara está no palco, microfone de péssima qualidade. Ele está tocando Será do Legião Urbana. Meu azar musical anda crescendo constantemente nessa cidade. Fico cabisbaixo. Vejo uma mesa vazia, três lugares. Escolho-a (é distante do palco). Sento-me, olho ao redor: sem ventiladores no teto (graças, finalmente uma arquitetura agradável de ver) piso de porcelanato, eu creio que 47x47. Colunas brancas, uma fonte com um anjinho de pedra (mais brega impossível) no centro do restaurante, luzes claras, lugar arejado, bem iluminado, janelas abertas dando vista ao lado europeu externo. Observo a minha frente, perto do palco e próximo ao balcão onde são retirados os pedidos, uma placa com design impecável, falando de uma tal Culinária dos Signos. Um garçom com cheiro de lavanda se aproxima. Exagerou no gel. Hálito de menta.

“Posso ajudá-lo, senhor?”

“Como funciona essa Culinária dos Signos?”

“Nós preparamos um prato específico para o signo do senhor.”

Que coisa patética.

“Que interessante! Gostaria de experimentar. O chef vem falar comigo?”

“Não, não. Eu anoto aqui...”

“Eu vim de longe, sabe?” Forço um sotaque, “passei um tempo na Espanha, estava no Rio Grande do Sul e agora estou conhecendo essa bela cidade. Eu trabalho com moda e nossa, nunca vi algo tão criativo como essa culinária dos signos. Se pudesse, eu gostaria de conversar com o próprio chef sobre o projeto.”

“Aguarde um momento.”

Espero por um tempo, tentando fazer-me de surdo. O músico insistia com Legião Urbana. Fico ajustando a toalha branca na minha mesa, dobrando guardanapos, até que o chef chega. Cabelo negro, franja, barbicha, três brincos na orelha direita, um na esquerda, olhos verdes, alto, tatuado, típico chef contemporâneo. Detalhe para um enorme colar que vai até o final do seu peito, de ouro, eu creio que tenha uns 24 quilates.

“Olá, o Diego disse que você gostaria de me conhecer.”

“Exatamente, sou Eduardo Prado, trabalho com moda e estou viajando por vários locais do Brasil e exterior, buscando novas tendências, e poxa, nunca vi algo tão interessante como essa culinária dos signos, parabéns.”

Atingi o ponto fraco. Algumas pessoas mostram seus pontos de imediato. O excesso de brincos, a barbicha bem desenhada, o perfume Ferrari, a postura, o cabelo metricamente bem penteado: um egocêntrico. Elogios sinceros desarmam essas pessoas facilmente.

“Nossa Eduardo, obrigado mesmo. Fico muito feliz. Meu nome é Renato Peixoto. E eu também viajei pra fora do país, sabe, morei em Londres por um tempo, estudei lá. E sinceramente... Não sei como aguento viver nesse país ainda. O Brasil é muito out, convenhamos.”

Coço meus cabelos, levanto a cabeça, respiro profundamente, digo: “Impossível não concordar, meu amigo, impossível”. Reproduzo a risada escrota. O garçom saiu de perto.

“Vai topar a culinária dos signos?”

“Claro. Sou de Câncer. O que você tem para mim?”

“Signo de água, interessante. É surpresa, senhor Prado. Tem que confiar no chef.”

“Como não confiar em um chef que estudou em Londres?”

Nós dois ficamos rindo. Alguns casais nos observam.

“Que legal, cara. E você faz o que com moda?”

“Sou estilista.”

“Muito lindo! Minha irmã é modelo, sabe. Lúcia Peixoto. É famosa na cidade. Ela até deve passar por aqui hoje.”

“Legal, se ela quiser algumas dicas, estou à disposição.”

“Ótimo! Deseja mais alguma coisa?”

“Vinho?”

“Oh, temos um Chardonnay que chegou hoje, que ó...”

“Vocês têm uma adega?”

“Claro, tudo organizado aqui, meu amigo.”

“Ótimo. Creio que os vinhos de vocês não estejam abaixo dos 5°C, certo? Se for climatizada e regulada a 14°C, vou aceitar o Chardonnay. Não quero danificar meu paladar, e quando fica muito acima, como uns 20°C, o vinho perde o equilíbrio, e bem, libera um terrível aroma de álcool. Você sabe, não é?”

Ele fica impressionado. Decorar algumas bobagens sempre é útil nessas horas.

O garçom serve meu prato. Renato ao seu lado, sorridente, empolgado como uma criança perdida em um parque de diversão. Ele diz (textinho decorado, seguro a risada): “O seu paladar pede conforto, pratos macios e sem variedade de textura, senhor Prado. Por isso escolhi para você o nhoque de batata com molho cremoso de manteiga e sálvia”. O prato é bonito. Vi algumas pessoas olhando. Aplaudi, disse que estava maravilhoso. Tiro uma foto, falo que vou postar no Instagram. Ele acha super In. Como um pedaço, digo “batata Asterix?” Ele fica impressionado novamente. O músico parou de tocar. Como em paz, bem acompanhado do vinho (que estava na temperatura ideal). Até que uma pessoa entra no restaurante. A irmã do Renato, deduzi. Linda. Cara a cara ela lembrava a Keira Knightley.

Não consigo entender se Renato quer me comer ou quer que eu coma a irmã dele. Provavelmente os dois. A irmã me encara, entusiasmada, os olhos brilhando com as dicas furadas que estou passando.

“Olha Lúcia, qual seu objetivo com a moda?” Pergunto para ela.

Eu olho para a boca da menina e só penso em sexo. Daqueles imundos.

“Acho que conheço você.” Ela ri bastante.

“De onde?”

“Não sei, seu rosto. Você já foi modelo?”

“Há muito tempo.”

“Você se parece com o Guilherme Pinto. Parece muito mesmo.”

A taça dela fica vazia em menos de 12 segundos.

“É um engano, linda. Não conheço esse Guilherme Pinto.”

O segurança se despede da gente, digo tchau. Alguns garçons já estão sem o uniforme, um deles se aproxima e diz que está fechando. Renato dá um esporro no pobre, eu me levanto, digo que entendo a situação e peço para ele trazer a maquininha do cartão. Renato continua gritando com o menino cheio de gel no cabelo. O garçom chega rapidamente com a máquina. Digito a senha, sem tirar os olhos da menina, que começa a tremer bastante. Agradeço o funcionário, termino minha taça. Aperto a mão dela, começo a rir, ela relaxa. O último garçom se despede, digo tchau.

Renato está arrumando algumas mesas, ele liga o som que está próximo do balcão.

A música que está tocando é conhecida da minha audição. Arnaldo Baptista, Cê Tá Pensando que Eu sou Loki?

A irmã morde o lábio inferior.

“O Guilherme sempre foi meu sonho.” Ela sussurra.

“É um engano, linda. Talvez seja um pesadelo.”

Levanto, digo que volto logo. As luzes do restaurante estão apagadas, deixando só a iluminação da rua abafar nossa excitação. No caminho para o banheiro, eu passo perto do som. Deixo o volume no máximo.

“Sô malandro velho e eu não tenho nada com isso...” Renato cantarola no mictório a música do Arnaldo Baptista. Ele me vê, eu digo “a gente queimou... Muita coisa por aí”. Ele começa a rir. A sua enorme corrente de ouro reluz no banheiro branquinho, sua voz afetada afirma que essa é sua música favorita. “Sempre quando a coloco para rodar alguma coisa boa acontece na minha vida.” Ele diz, sem parar de rir. O putro está jurando que tirou a sorte grande. Ele continua rindo, coloca a mão no meu ombro e diz que essa música é mágica. Ele não lavou as mãos.

“Eduardo Prado. Eduardo... Prado. Pesquisei seu nome no Google. Não achei nada. Estranho, não é?”

Vejo um pouco de suor descer por trás da sua orelha, continuo me olhando no espelho.

“Pensei que você era famoso.”

“Esse seu colar. 24 quilates? Grande. Corrente grossa.”

Ele me ignora, joga o papel no lixo, diz “estamos fechando o restaurante, senhor Eduardo.”

Três passos rápidos, no tempo da sua respiração afobada; meus dedos sobem até a corrente de 24 quilates, estou atrás dele, levanto meu joelho na altura da costela, o pé direito vai em direção da sua rótula, sinto a explosão do osso sendo fraturado. Seguro sua boca com minha mão direta, abafó seu transe de dor. Minha mão esquerda continua na corrente, puxo-a com fulgor e deixo meu corpo cair no chão com cheiro de sabão e Europa. As costas queimam do impacto. Solto a mão direita da sua boca e levo-a até a enorme corrente de ouro, minhas pernas estão acopladas no corpo miúdo do chef, a chave é bem sucedida: ele se mexe tentando fugir, escarrando freneticamente. Suas pernas como lesmas epiléticas, o fervor da morte em seu corpo é transmitido para mim, e forço as minhas pernas para baixo, travando seu corpo hostil ao meu. Continuo puxando a corrente em seu pescoço, causando uma vertigem em ambos, uma tensão que só iria sumir quando sua vida deixar de existir. Ele geme, “arghhhhh, blargh, pararghhh...” A música não cessa. “Cê ta pensando que eu sou Loki, bicho?” E puxo mais, mãos fechadas, as unhas entram na pele, quase posso sentir o sangue saindo delas, quase. Giro meus pulsos, uma espécie de 360°, puxo para baixo a corrente, sua

cabeça está vermelha, sua respiração nervosa, ele quase rasga as narinas tentando buscar uma última esperança, um raio europeu, londrino, uma fama que nunca existirá, puxo e prendo, giro mais uma vez, sinto um barulho seco, como um carro batendo em um poste, mas com o volume reduzido.

Seus olhos arregalados, boca purificada de saliva e vômito.

“Acabei.” Digo.

Abaixo o volume e repito a música.

Ela olha para trás, está sem a jaqueta, os braços magros e com tatuagens tribais esticam em minha direção. “Você demorou.” Lúcia diz, lambendo os lábios. “Estava conversando com seu irmão.” Ela olha para mim, da cabeça aos pés, “você é bi, né? Cabelo desarrumado, camisa amassada, vai dar um trato nos dois, é? Saiba que sou fogosa”. A garrafa de vinho está vazia. “Digamos que seu irmão sabe tratar bem de um homem. Espero que você também saiba.” Ela se levanta, passa as mãos em meu cabelo, “senhor Guilherme, como você é alto”. Digo que não sou Guilherme. “Para de ser tímido,” ela lambe meu pescoço, “você quis mudar de nome, recomeçar, é normal isso no meio. Não vou contar para ninguém”. Eu danço, lentamente, com ela ao ritmo da música. Nos beijamos; levanto meu punho direito, acerto o nariz, um filete de sangue voa em meu rosto, o corpo esguio da modelo flutua, leve como papel, em direção à uma das mesas. Pego a faca com restos de batata e molho que está no prato, pulo em cima dela sem nem dar tempo de reação: a faca de prata atinge a jugular da dama. Seus olhos temerosos me encaram com pânico. Um pavor se alastra, assimilando-a ao irmão em seus momentos finais. Beijo os lábios dela, agora abertos, tremidos, enquanto seu corpo sofre de um espasmo decadente; a faca vai tornando a carne túrgida, e assim, a vida da jovem se esvai aos poucos. Suas unhas alcançam meu rosto, sinto a fúria daquela que deseja sobreviver. Dedilho a faca de prata, seguro o cabo e deslizo a navalha na horizontal, formando uma lambida mórbida no pescoço. Volto ao banheiro e me lavo rapidamente. Subo até o quarto do Renato e troco de roupa. Minhas roupas sujas e a faca eu guardo em uma sacola que acho no restaurante. Faço uma Limpeza básica no local. A irmã ainda treme um pouco no chão, tentando puxar ares anômalos na terra que ela não mais pertence. Os pratos e copos eu jogo na sacola também. Observo o lado de fora por um tempo, um casal passa pela praça. Não há seguranças ou policiais. Desligo o som do restaurante. Saio com a sacola, pego um táxi, digo para ir ao Toronto Tower Residence, na Rua Ceará. Iria tomar um banho, me limpar e fechar a conta.

Pego meu Iphone, seleciono o nome Mona. Envio uma mensagem.

“Feito. A irmã foi também. Acidente de percurso. Nunca mais me procure.”

Tento ligar para Ingrid. Uma, duas, três, quatro vezes. Ela não atende. Envio uma mensagem:

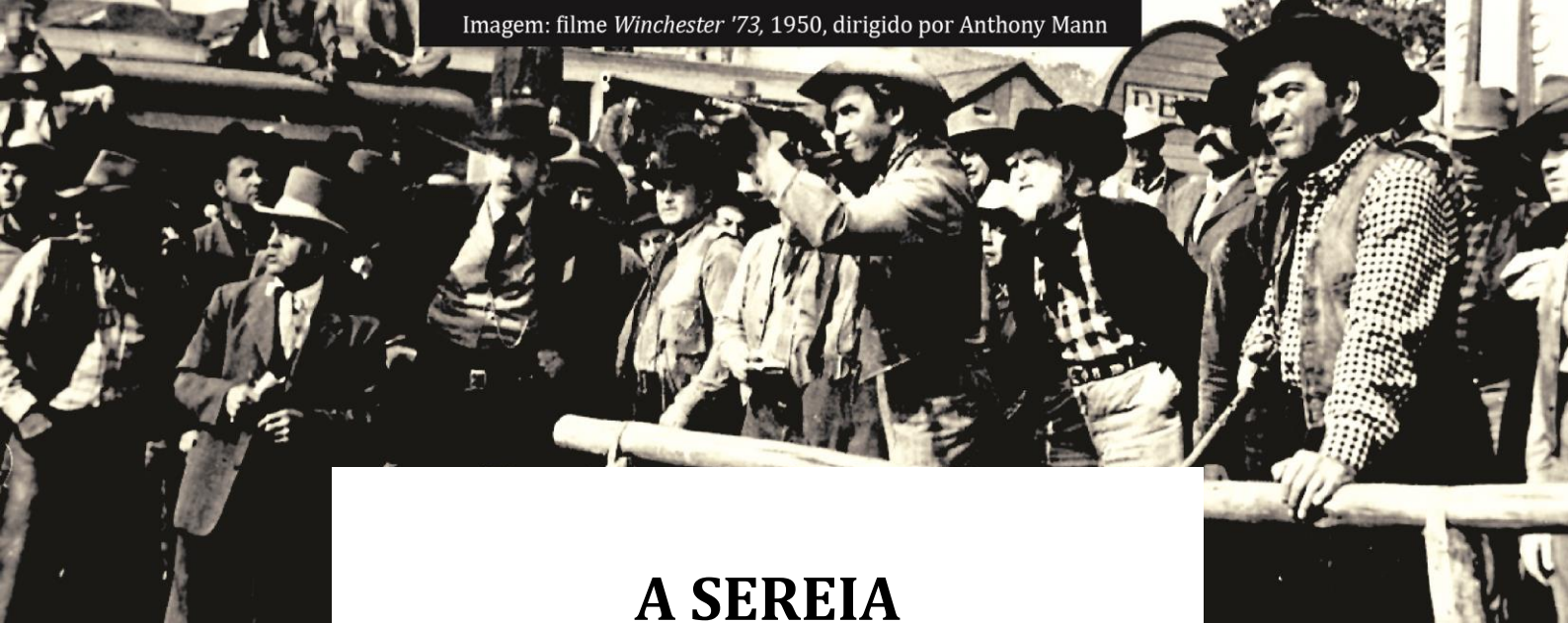
“Foi o último trabalho, meu amor. Realmente o último. Estou

voltando.”

Ela responde de imediato:

“Não precisa mais voltar, Bartolomeu.”

BRUNO RIBEIRO nasceu em 1989. Um mineiro radicado na Paraíba. É tradutor, escritor e roteirista. A tradução do seu livro *Arranhando Paredes* (Bartlebee, 2014) para o espanhol saiu este ano pela editora argentina Outsider. Mestre em Escrita Criativa pela Universidad Nacional Tres de Febrero em Buenos Aires, editor da Revista Sexus e do blog Quebrando o Gênio. Ribeiro também foi um dos três vencedores do concurso Brasil em Prosa promovido pelo GLOBO e pela Amazon com o apoio da Samsung.



A SEREIA

Por Cabral Correia

Como os amigos recusaram seu convite, Raul saiu desacompanhado. Parou num botequim à beira-mar, sentou numa cadeira de plástico, pés na areia, beliscou uma porção de linguiça com fritas e esvaziou três garrafas de cerveja. Ligeiramente embriagado, desfez-se da roupa, correu gritando e saltou para mergulhar nas águas escuras.

Casais a passeio, corredores em treino, turistas explorando, gatunos de tocaia. Ninguém na praia notava Raul. A nadar, ele se recordava de Adriana, que se o visse assim, no mar apenas de cueca, esboçaria aquela expressão enjoada, característica dela, tagarelaria cheia de convencionalismo e o chamaria de cafona. Farto das tantas censuras, Raul havia mandado Adriana arranjar um tipo da sua laia, um daqueles mauricinhos ostentadores.

No banheiro de uma suíte do Motel Coqueiros, nua diante do espelho, Iara retocava a maquiagem. Através da porta entreaberta, deitado na cama, Aloísio fitava o corpo dela, focava suas nádegas avantajadas. Ela percebia o reflexo dele, o semblante canalha. Empinava o quadril a fim de provocá-lo.

- Acabo de elaborar um poema – disse Aloísio meditativo.
- Ah, é? Sobre o quê?
- Tua bunda.

Iara gargalhou alto, ouvida pelos amantes nos cômodos adjacentes.

- Tão romântico esse meu poeteiro!

Ele riu de si. Sentia-se diferente na presença dela, um homem mais divertido, mais viril, menos preocupado com a vida ordinária. Iara o fascinava, era um mulherão. Jurava amá-lo, entregava-se a ele sem cobrar um centavo.

Aloísio se vestiu num minuto. Na poltrona gasta, acendeu um cigarro e ligou a televisão. Impaciente, pressionava os botões do controle remoto, alternando de canal a cada cinco segundos.

- Só besteira e notícia ruim nessa bosta.
- Tô pronta, meu bem – anunciou Iara, exibindo-se vestida e

perfumada.

Iara sabia retirar e pôr os trajes num piscar.

De novo no bar, Raul pediu outra cerveja. Caminhou pela orla, examinou os astros, a lua pela metade. Lamentou a melancolia noturna. Na manhã seguinte, o entusiasmo brilharia na praia, então repleta de famílias, vendedores ambulantes, surfistas e belezas em minúsculos biquínis.

Excitado, envolvido pelo vento frio que lhe fortificava a carência de uma calorosa companhia, enxugou-se apressado com a camisa e regressou ao carro. Decidiu caçar colírios nas esquinas.

Especialmente nos bairros do litoral, a cidade revelava-se um vasto bordel com requisitado acervo de mulheres e travestis. Era a primeira vez em que Raul buscava por essa espécie de aventura. Desejava uma acompanhante experiente, abrasadora, capaz de proporcionar aquilo que sua puritana e insípida ex-namorada jamais oferecera. Temia as surpresas do acaso, não queria se arriscar a ser reconhecido na Avenida Potiguara negociando sexo. Adentrou nas vias paralelas.

Numa rua estreita pouco movimentada, deparou-se com uma morena vistosa perante o muro de um deteriorado condomínio. Estacionou perto, desceu o vidro da janela e a observou. Silhueta bem-feita, pernas e quadris abundantes, olhos amendoados, cabelos negros lisos, pele de tonalidade tirante a vermelho, decerto de ascendência indígena. Ela usava camiseta coral, minissaia preta de couro sintético, sandálias de salto alto, argolas na orelha e colar de penas de pavão. No braço esquerdo, a tatuagem: uma criatura metade mulher, de cabeleira comprida e seios nus, metade peixe, serpentiforme como uma enguia.

- Boa-noite, gostosão – cumprimentou a morena.

Raul presumia que fosse de praxe cortejar desse modo qualquer cliente potencial, todavia se achava mesmo atraente: possuía olhos claros, cachos dourados, bronze natural e porte atlético, o perfil de um herói grego, distinto dos habituais fregueses da moça. Sorriu galanteador.

- Não tá muito longe do mar, sereia?

- Esperando meu príncipe – respondeu ela se debruçando na janela, a cabeça dentro do carro.

A camiseta dela, amarrada acima do abdome, mal ocultava o busto; peitos exagerados, rijos demais, fartos de silicone. Travestis investiam bastante nesse atributo, lembrou Raul. E ele detestaria comprar gato por lebre.

- Qual teu nome?

- Iara.

A sereia tinha feições suaves, mãos pequenas, pescoço delgado – sem sinal de gogó. Mulher de verdade. Raul a convidou para sentar ao seu lado. O perfume dela era doce.

- Não preciso de mar. Uma ducha, uma banheira contigo já me deixa bem molhada.

Raul ansiava lambe aquela pele cor de jambo.

Súbito pancadas no vidro. Lá fora, um sujeito na moto batia com um trinta e oito arranhando a película do fumê. Raul abriu a janela devagar, piscando os olhos nervosamente. O motoqueiro usava capacete, a viseira

espelhada escondia seu rosto.

- Passa o dinheiro, *playboy*!

De imediato as mãos de Raul começaram a tremular. Queda de temperatura, sintoma de vertigem, náusea, vontade de expelir a cerveja e o tira-gosto em cima do assaltante. Boca semiaberta, lábios inquietos, ele tateou a bermuda úmida e retirou do bolso uma carteira recheada de cédulas e cartões. Entregou ao meliante, que a fez desaparecer na jaqueta.

- E a dona? Que é que tem aí?

- Tô sem bolsa, cara, sem grana - juro! Não atira, por favor! – pediu Iara em tom de súplica, retraindo-se no banco, olhando para baixo.

Em seguida, ouviu-se no interior do veículo Jorge Ben Jor cantando *Mas que Nada*. No discreto espaço abaixo do painel, em frente à alavanca de marcha, um aparelho brilhante vibrava emitindo a canção.

A coroa do revólver mergulhou na cara de Raul. Sua cabeça pendeu para trás, sangue escorreu do supercílio rasgado. Visão turva, zumbido. A voz do criminoso lhe parecia distante:

- Dá o celular, porra!

Raul passou o aparelho e adiantou que não carregava mais objetos de valor. O elevado nível de adrenalina aliviava sua dor. O criminoso voltou a analisar o carro, deu-se por satisfeito, ligou a moto e sumiu veloz.

Ao abrir a porta, Raul vomitou no asfalto. Limpou os lábios com uma flanela e distinguiu nela, além dos resquícios de comida, uma mancha rubra. Tocou com cautela na sobrancelha cortada.

- Puta merda.

- Me chamou de quê, cara? – perguntou sentida a prostituta.

- Hã?

- Esquece. É bom sair logo dessa rua.

Raul deu a partida no carro, acendeu os faróis e conduziu para a Avenida Potiguar. Iara fixava a vista na ferida dele. Ainda sangrava.

- Tem um hospital aqui perto. Precisa cuidar disso.

- Tudo bem.

- Sinto muito.

- Eu também.

Silêncio.

- Pode me deixar na esquina do Teatro Suassuna? É caminho.

Numa expressão abatida, ele seguiu dirigindo, mantendo-se afastado dos motoqueiros nos sinais fechados. Parou a pequena distância do teatro, rente à calçada, onde uma loira de microvestido fumava solitária encostada num poste. Raul já nem se embaraçava por estar em público com uma mulher da vida. Iara deu-lhe um beijo estalado na bochecha direita, sussurrou algo meigo e foi embora.

Respirando fundo, contendo o grito, por quase um minuto Raul comprimiu o corte na sobrancelha com a camisa umedecida de água do mar. Conseguiu estancar. Talvez a fenda não necessitasse de pontos, mas formaria uma aparente cicatriz.

Faltava-lhe ânimo para ir a uma delegacia fazer boletim de ocorrência, lidar com a molesta burocracia. Encaminhou-se para casa.

Pensava no analgésico, no banho morno, no conchego da cama.

Na Avenida Bento Santiago, prestes a acessar a rodovia interestadual, foi intimado a estacionar. Uma policial corpulenta veio desconfiada interrogar o aspecto dele. Escoriado, sem documentos e com álcool no sangue, Raul tardaria a ser liberado.

Detrás do teatro, Iara percorreu dois quarteirões até chegar à Praça Antiga. Posto sob uma castanhola estava um trailer de pintura amadeirada cuja larga janela expunha um senhor suado preparando carne na chapa. Fregueses lanchavam assentados nos bancos rústicos e no meio-fio da calçada. Iara avistou Aloísio abocanhando um sanduíche de três fatias transbordando mostarda.

- Boa-noite, gostosão.

- Boa – respondeu ele de boca cheia.

Riram juntos. Ela o convidou para um canto discreto, na penumbra, entre a escultura de um anjo e um chafariz coberto de lima; pousou seus lábios nos dele – gosto ativo de vinagre com cebola – e lhe mordiscou o pescoço. Aloísio a puxou pela cintura, beijando com veemência. Sacou da jaqueta uma volumosa carteira de lona, premiando a namorada com duas cédulas azuladas. No verso das notas de cem, a figura da garoupa-crioula: a sereia adorava aquele peixe.

CABRAL CORREIA é cearense. Fez parte das antologias *XV e XVII Prêmio Estadual Ideal Clube de Literatura*, com os contos *Café e Tapioca* e *Em Brasa*, respectivamente.



MUNDO CÃO

Por Jussié Tormes

Esse dia não tava nada fácil. Eu e o Marcos estávamos investigando um caso de desaparecimento. Uma menina de seis anos havia sumido já fazia uma semana, seu nome era Raquel. Esse tipo de ocorrência me dava nos nervos, tenho uma menina de cinco anos, quando soube do desaparecimento pedi pessoalmente para fazer parte da equipe de busca. Mas hoje o ar tava abafado, a noite ia ser foda...

São Paulo tava fervendo, era dia de jogo, Palmeiras e Corinthians, as ruas ficam insanas.

Havia um atropelado na Paulista. O Marcos havia chegado primeiro. Cara bacana o Marcos, meu parceiro na civil já há dois anos. Era um negro forte, sério, religioso. Eu confiava nele.

- Fala chefe, quer um café? - me deu um copo de um café forte, puro, parecia petróleo, uma porcaria que bebi num gole. - Nosso amigo aqui foi atropelado - apontou para o corpo no chão. - Era um ciclista, a bicicleta foi parar lá - apontou para o outro lado da rua, a bicicleta destruída. - A esposa está inconsolável - uma mulher chorava convulsivamente próxima do acostamento enquanto alguns policiais militares tentavam consolá-la.

- Que estrago heim? E o motorista?

- Um adolescente, não tem habilitação.

Olhei na direção do carro, um garotão com olhar aparvalhado. Do lado o pai irresponsável que permitiu que o filho assassinasse um cidadão inocente. Pai engravatado, garoto playboy... Não passaria sequer uma noite na cadeia.

- E então, qual o palpite de hoje? O pessoal lá da DP tá apostando no verdão.

Olhei sério pro Marcos.

- Palmeiras é? Sem chance, vai dar o coringão.

Fui na direção do garoto, ele merecia uma dura e eu sabia que na

DP simplesmente o liberariam. Quando fui chegando perto o pai se interpôs.

- Olha senhor policial, nós sentimos muito o que ocorreu. Tem alguma coisa que eu posso fazer?

- Tem sim senhor...

- Pode me chamar de Carlos Alberto por favor - me estendeu a mão.

- Então "senhor" Carlos Alberto, poderia começar pagando o enterro do jovem que foi morto atropelado pelo seu filho por um ato irresponsável do senhor que colocou o carro nas mãos de um jovem inconsequente - ignorei sua mão estendida.

O pai ficou mudo, depois meteu a mão na carteira e tirou um maço de dinheiro.

- Quanto o senhor quer?

Eu o peguei pelo braço e levei até a mulher que estava chorando.

- Desculpe senhora, qual o seu nome mesmo?

- Meu nome é Rose, moço.

- Dona Rose, esse senhor aqui é o Carlos Alberto, ele está se oferecendo pra dar toda ajuda financeira que a senhora necessitar - o pai do garoto ficou olhando com cara de idiota.

- S-sim senhora, t-tudo o que a senhora precisar pode contar comigo.

Depois de algumas horas o IML levou o corpo.

Na viatura ligamos o rádio, o jogo estava prestes a começar. Saímos juntos eu e o Marcos, havia outra chamada.

Era num prédio na Mooca, uma mulher havia sido encontrada morta, tinha sido espancada e esfaqueada. Chegamos e fomos ver o corpo. Ela era bonita mas o rosto havia sido espatifado a socos. Era amante de um político segundo informado pelo porteiro que havia recebido uma grana pra ficar calado. Não ficou.

Caso comum com desfecho comum: mulher trai amante, amante fica ofendido, mata mulher e tenta usar de algum subterfúgio na lei pra se livrar, principalmente se tivesse grana. Vivemos num país de machões onde quem tem dinheiro geralmente se safa, não seria difícil escapar. Aqui os homens se dão o direito de bater nas parceiras e nas amantes. Se acham normais, os cretinos.

Pegamos o endereço do tal político. A perícia chegou para tirar as impressões digitais. Fomos atrás do cidadão.

Paramos numa farmácia para comprar umas pastilhas pra fumantes, eu estava tentando parar de fumar. Liguei o rádio na viatura, "gooooool!", olhei para o Marcos, "Lucas abre o placar para o verdão!"...

- Puta merda!

- Ah nego véio! Tô dizendo chefe, o verdão vai levar essa.

- Sei... Tem muito jogo ainda pela frente camarada... Vamos atrás do nosso amigo político.

- Tá certo, o porteiro nos passou esse endereço aqui... - não era longe. Fomos.

Chegando lá quem atendeu foi uma mulher.

- Boa noite senhora, estamos procurando o senhor Alberto Augusto, nos passaram esse endereço, precisamos fazer algumas perguntas de praxe.

- Podem perguntar pra mim, sou a esposa dele. É algo sério?

- Não, nada sério, apenas informação, teria que ser com ele.

- Então infelizmente não posso ajudar, ele está em viagem para Brasília, volta só na próxima semana - eu já imaginava.

- Tudo bem, voltaremos em outra hora, obrigado.

Voltamos pra viatura.

- E agora chefe, o que quer fazer?

- Ele não deve estar longe. Vou pedir pelo rádio pra alguém ficar de campana enquanto fazemos uma varredura na região...

Empate do Coringão aos 24. Arana deu um toque leve na bola, tirando do goleiro. 1 a 1. A alegria durou pouco. Lucas foi à linha de fundo e acertou um ótimo cruzamento pro Robinho marcar um golão aos 26.

- Mas que droga!

Marcos ria enquanto dava uns tapas de faceirice na porta do carro.

- Dá próxima vez vou pedir um parceiro corintiano.

- Qual é chefe? - risos.

Segundo testemunhas do hotel o político estava num Nissan preto, se ele ainda não tivesse fugido pra longe nós o encontraríamos.

Passando pela Vila Mariana notamos um aglomerado numa esquina, fomos nos aproximando devagar, poderia ser briga de torcida, não era da nossa alçada. Quando chegamos mais perto vimos um jovem sendo linchado por um grupo de uns dez garotos. Paramos o carro e corremos na direção dos malandros.

- Qual é que é porra!? Todo mundo parado! - cheguei botando banca, arma já apontada, odeio covardias como essa de atacar em bando. O Marcos atrás de mim, dando cobertura.

Os rapazes se dispersaram, cada um pulando pra um lado diferente. Tive tempo de pegar um pelo cangote. Cabeça raspada, caucasiano e com calças militares, um porra de um playboy nazista. Joguei ele contra a parede, revistei, peguei os documentos. O Marcos foi ver o garoto que estava no chão, ele havia ficado bastante machucado.

- Poxa seu polícia, me deixa ir, eu tava aqui fazendo um serviço público, fazendo o trabalho de vocês, essas ruas tão imundas e vocês não tão nem aí.

- Cala a boca espertinho, você tem o direito de ficar calado.

- Ah, sério que você vai me prender por causa desse viadinho preto?

- Como é que é?

- Esse bosta além de preto é viado, não tá na cara não? Tava aí

fazendo programa, bem faceirinho, louco para dar o cu, nós mostramos pra ele, arreventamos o rabo dele, é isso que essa escória merece...

Encaixei um soco bem dado em sua costela, ele se retorceu todo e caiu no chão, urrando. O Marcos me segurou bem a tempo...

- Poxa chefe, pra que isso? Como vamos prender esse babaca se ele tiver quebrado uma costela, heim? Tá maluco? Vamos jogar ele na viatura.

- Não, deixa ele aí, é de menor, vamos levar o outro pro hospital.

Esses grupos de "justiceiros" andavam enchendo o saco nos últimos tempos, se achavam no direito de fazer justiça com as próprias mãos, só que a justiça deles só se aplicava em ladrões de galinha ou em homossexuais indefesos, queria era ver eles subirem o morro atrás de traficante. Contra bandido pé rapado eles eram bem machos.

Levamos o garoto no hospital e contatamos seus familiares. Não havia mais nada a fazer. Voltamos pra viatura. Liguei o rádio. Porra! Já tava 3 a 2 pro verdão.

O Marcos ria.

Tava no intervalo.

Fomos ver o Cezinha, tínhamos recebido uma mensagem sua. Ele era nosso informante a um bom tempo... Era um cara malandro, bem relacionado, conhece as bocadas e o pessoal que vive à margem.

- É o seguinte capitão, fiquei sabendo aí duns lances que acho melhor o senhor investigar. Lance quente, o senhor sabe né? Somos parceiros há um tempão, já te dei dica que não levou a nada?

- Desembucha Cezinha, o que tu quer em troca?

- Pô capitão, tem umas paradas aí que o senhor podia me ajudar.

- Que paradas? - já fui puxando meu bloco de anotações.

- Um tio da minha mulher, estouraram uma boca aí e ele foi junto de bobeira, mas é só usuário, não lida com tráfico não, o cara é gente fina capitão.

- Vou ver o que eu posso fazer a respeito. Me dá o nome do cidadão.

- Jorge Henrique Silveira, conhecido como Jorjão da 15.

- Ok, anotado, agora desembucha o que tu sabe.

- É sobre essa menina desaparecida aí que o senhor tá procurando, tenho um conhecido que mora bem no bairro dela, ele tava me contando que viu ela com um senhor bem velhinho vestido de palhaço, de mãos dadas, no dia do sumiço, um velhinho que vende algodão doce, depois disso o velho também não deu mais as caras. A dica é quente capitão.

- Porque quente?

- Esse meu conhecido já conseguiu uns lances de DVDs pornográficos aí pra esse velho que são barra pesada, ele é um tarado. Informação confidencial.

- Vou checar isso. Tem o endereço do palhaço?

- Tá aqui, anotadinho pro senhor, eu sabia que era você que tava no caso. - e me deu um papel. - E quanto ao tio da minha mulher, será

que o senhor pode dar um jeito?

- Vou ver o que posso fazer.

- Tá certo, fica na paz irmão.

- Ok Cezinha, e vê se não te mete em confusão.

O segundo tempo já tinha começado. O jogo deu uma esfriada mas continuava bom.

Haviam pego o político que foi preso e encaminhado para interrogatório. Eu queria ver isso.

Voltamos para a DP e quando chegamos uma surpresa amarga nos aguardava, ele havia sido liberado.

- Porra, liberado!?

- Vai com calma chefe - o Marcos tentava acalmar minha explosão de indignação contra o delegado.

- Liberado sim! É eu que mando nossa porra! Que história é essa de me questionar!? - o delegado se fingia de ofendido, os bolsos deviam estar cheios de grana.

- Vai à merda! - bati a porta.

Saí enfurecido da DP, o delegado atrás, apontando o dedo contra minhas costas e me jogando palavrões que eu já nem ouvia mais...

- Eu acabo com tua carreira seu babaca! Vai passar o resto dos teus dias dando batida em motoboy!...

Pulei dentro do carro e já estava arrancando quando o Marcos pulou do meu lado.

- Hei chefe, pensando em sair sem mim?

Dei umas voltas pra esfriar a cabeça. Meu parceiro fiel calado ao meu lado, ele sabia que não adiantava tentar bater papo quando eu estava furo.

- Filho da puta desse delegado corrupto!

Cobrança de falta aos 33 min, Vagner Love de cabeça, "gol do Corinthians!". 3 a 3. O gol não me animou. Sentia um amargo na boca, meu estômago parecia em chamas. Peguei o endereço que o Cezinha havia me dado. Mostrei pro Marcos.

- Vamos prensar esse sacana.

- Vai com calma chefe, não temos mandado, você tá de cabeça quente...

Naquele momento eu não estava nem ligando.

Tocamos a campainha e esperamos, depois de alguns minutos um senhor nos recebeu, devia ter uns sessenta e poucos anos.

- Boa tarde, somos da polícia civil, podemos lhe fazer umas perguntas?

Ele ficou nervoso quando dissemos que éramos policiais.

- Da polícia? O que vocês querem?

- Umhas perguntas de praxe apenas, será que podemos entrar?

- Entrar?... N-não...Venham outra hora - e fechou a porta assustado.

Desconfiamos, o cidadão estava estranho demais.

Olhei sério pro Marcos.

- É agora parceiro... - e chutei a porta com tanta força que ela desabou. O Marcos me encarou com um olhar condenatório mas entrou comigo.

Fomos dando uma olhada rápida pela casa, sentíamos um cheiro estranho de pobre, só que adocicado. O dono da casa estava mudo, com as mãos cobrindo a boca, seus olhos estavam arregalados, a testa coberta de suor. Atitude das mais suspeitas.

- Nome e ocupação!? - perguntei autoritário.

Não me respondeu.

Abrimos um dos armários, uma porrada de fotos caíram no chão. Chegamos mais perto e vimos algo que nos deixou pálidos e enojados, eram fotos de crianças amarradas, seviciadas, em posições sexuais.

- O q-que é isso que vocês acharam aí? Eu n-não conheço isso... - o velho tentou se explicar debilmente, eu e o Marcos estávamos mudos.

Nos aproximamos das fotos... Aquilo era monstruoso! Eu tremia mas não havia outro jeito, submergi naquela podridão em busca do meu objetivo. Comecei a ficar nervoso, não encontrava o que estava procurando... Uma raiva começou a tomar conta de mim, eu só queria matar o desgraçado.

- Vigia a porta! Não deixa o filho da puta tentar fugir!

Parei por uns minutos, me sentia sufocado... Então encontrei. Ali estava a foto da menina que procurávamos, Raquel, no meio de várias outras crianças, provavelmente outros casos de desaparecimento. Minhas mãos trêmulas de fúria começaram a revirar o guarda-roupa do sacana jogando suas roupas todas no chão. Estava lá a fantasia de palhaço que ele usava pra atrair crianças inocentes e saciar seus desejos sórdidos.

Marcos tocou em meu ombro, havia sangue escorrendo da geladeira, eu gelei. Nós a abrimos e lá estava o corpo, cortado em pedaços, irreconhecível. Eu estava horrorizado. Aquilo devia ser a Raquel, o que restara dela. Olhamos para o velho...

- É que ela não parava de gritar, eu disse pra ela ficar quieta, mas ela era teimosa!... - Seus olhos débeis.

Marcos olhou pra mim.

- O que a gente faz com um desgraçado desses?

Eu puxei o revólver.

- Chefe, não!

Descarreguei as seis balas do meu 38.

Silêncio. Fumaça no ar. O velho estava em pé, petrificado, tinha se mijado todo. As seis balas estavam cravadas na parede de concreto dos fundos.

- Deus, chefe! Que susto o senhor me deu!

- Eu devia ter acertado esse filho da puta - tremia. O Marcos gentilmente baixou minha mão que ainda segurava firme o revólver.

- Deixa pra Deus chefe, ele cuida dessas coisas, nosso trabalho é levar o desgraçado pra DP. Esse aí vai ser julgado, não tem grana pra se safar.

- Porra de mundo cão!

- É, eu sei, mas somos os mocinhos enquanto não deixarmos esse mundo podre nos absorver - e me olhou com um sorriso doce e compreensivo.

- Marcos... Obrigado - ele era um amigo de verdade.

- Deixa disso - me deu um tapinha nas costas. O negro trouxera minha razão de volta.

- Como você faz pra não ser afetado por isso? - indaguei realmente interessado na resposta.

- Ah, chefe! Entrego pra Jesus, ele cuida de mim. Peço pra ele cuidar do senhor também - eu ri agradecido.

Era bom acreditar em algo. Infelizmente, àquela altura, eu já não acreditava em muita coisa.

Levamos o velho algemado pra viatura. Ligamos o rádio. 3 a 3. Deu tempo de ouvir o juiz apitar. Tinha dado empate.

Eu precisava de um cigarro.

JUSSIÊ TORMES é leitor ávido, amante de cinema, escritor ocasional (apenas para brincar nas horas vagas) e sem pretensões. Tem 29 anos e cresceu vendo westerns spaghetti na falecida TV Guafba. Tem como escritores favoritos o russo Fiódor Dostoievski e o francês maldito Louis-Ferdinand Céline, descobriu o cinema ainda novo mas veio a se apaixonar pela arte quando assistiu pela primeira vez os filmes de Quentin Tarantino.



CARLOS E O REI

Por Led Franzoso

Carlos era um homem alto, corpulento, calvo; de expressão inalterável, mente impenetrável. Econômico nos movimentos e nas palavras, seu olhar analítico e condenador fitava e diminuía qualquer um que fosse. Era sozinho, e satisfeito por isto, evitava as pessoas que considerava inferiores a ele, no entanto, as únicas pessoas que julgava pertencerem ao seu nível haviam morrido há muito, comunicava-se com elas através dos livros em sua ampla biblioteca.

Carlos era o mais respeitado enxadrista de seu tempo, para alguns era considerado o maior gênio do xadrez da História.

Um dia, durante a leitura, recebe uma ligação, uma ligação unilateral na qual é o ouvinte e uma estranha voz, além de algumas regras, dita detalhes de um encontro e a descrição do local onde ocorrerá. Quando a voz para de falar, Carlos coloca o telefone no gancho sem dizer nada, desce as escadas que levam ao porão da grande casa onde mora sozinho, coloca alguns objetos em uma grande bolsa de couro marrom e sai de casa sem se preocupar em trancar a porta.

O local do encontro que a voz citara é uma sala no interior de um prédio abandonado em uma rua deserta, Carlos localizou o local sem dificuldade e entrou na sala descrita sem hesitar: era uma grande sala suja e mal iluminada, estaria vazia, não fosse a mesa redonda de madeira no centro. Sobre a mesa repousa impecável um tabuleiro de xadrez com peças esculpidas em mármore e em cada extremidade há uma cadeira. A cadeira que está posicionada em frente às peças claras encontra-se vazia e na cadeira em frente às peças escuras repousa uma figura perturbadora: um homem maltrapilho, imundo, descalço, de longos cabelos maltratados. O homem deixa de encarar o tabuleiro e olha para Carlos. Olham-se por alguns segundos, até que a estranha figura resolve falar, é a mesma voz que Carlos ouvira naquela manhã. O homem elogia a pontualidade de Carlos e o convida para sentar para que o jogo comece.

Carlos senta-se em frente às peças claras e coloca a bolsa que trouxera ao lado esquerdo da cadeira, nota que ao lado de seu oponente

encontra-se uma bolsa parecida.

Por estar com as peças claras, o primeiro movimento é o de Carlos, antes que pudesse se dar conta, o homem faz sua jogada. O jogo que se mantém equilibrado, mas a certa altura ambos param e encararam-se. É a vez de o Homem jogar e uma expressão de medo toma conta do rosto de Carlos, enquanto o Homem deixa transparecer um sorriso à La Gioconda. O Homem move seu bispo em direção a um dos peões de Carlos, coloca o bispo no lugar do peão e retirou-o da mesa. Carlos perdeu uma de suas peças. O Homem coloca a mão dentro da bolsa ao seu lado, retira um grampeador de pressão, pressiona o grampeador contra a testa de Carlos e dispara três grampos que se cravam na pele. Carlos grita.

Carlos, com um pouco de sangue escorrendo pelo rosto, faz um movimento ousado e aniquila um dos peões do adversário com outro peão. O Homem sorri enquanto Carlos retira de sua bolsa uma frigideira e, mesmo depois do forte golpe na têmpora, o Homem continua sorrindo.

O jogo segue e, a cada peça morta um objeto é revelado e um golpe desferido, depois de algum tempo de jogo, Carlos havia levado um golpe com um tijolo que lhe custaram dois dentes, uma pedra atirada de um estilingue comprometera-lhe a visão do olho esquerdo, uma garrafa de vodka quebrada causara um profundo corte no rosto, sofrera também golpes de algumas armas brancas em ossos outrora sadios. O oponente tinha a mão direita pregada à mesa. Com o mesmo martelo utilizado para isso, levou um golpe que lhe quebrou o maxilar. Com uma tesoura de jardineiro, Carlos decepou sua orelha esquerda e com um alicate, torcera-lhe o nariz até que estivesse quebrado. Uma solução química foi despejada no pé esquerdo do homem derretendo-lhe a pele. Houveram mais jogadas, e a cada peça retirada da mesa, o jogo tornava-se mais sujo e desesperado.

Estão agora há poucas jogadas do fim do jogo, e ambos estão prestes a perder a consciência, mas o Homem, apesar de ser agora algo disforme, ainda mantém aquele estranho sorriso estampado no rosto.

Carlos estremece quando percebe que irá perder o jogo, prevê os próximos movimentos e constata que não há como evitar o xeque mate, encara seu oponente que babava sangue e esforçava-se para abrir os olhos cada vez que piscava. Carlos jogou, e uma peça a mais foi movida, a rainha escorregou uma casa para a esquerda. Carlos roubou e o Homem não percebeu.

Duas jogadas são feitas antes que Carlos rendesse o rei do Homem e falasse com uma voz mergulhada em sangue: “xeque mate”. O sorriso do Homem ficou maior. Carlos coloca a mão em sua bolsa e quando retira segura um revólver calibre .38 prateado, cano curto. Aponta a arma para a cabeça do Homem que agora começa a gargalhar. Há alguns segundos e então o disparo, o rosto do Homem é banhado em sangue e Carlos cai da cadeira com uma bala alojada no cérebro. O Homem para de rir.

LED FRANZOSO é estranho, formou-se em letras. E para provar que não tem um pinga de ambição monetária, formou-se também em cinema. Casou-se com uma personagem de um de seus contos e adotaram dois

felinos. Ele sabe todas as falas de Eliana e os Golfinhos, assim como de Carmen de Bizet. Gosta quando a arte assume um gênero: filme de terror, livro de ficção científica, música infantil... Mas também gosta de quando é indefinível. Seu drinque predileto é São João da Barra com mel e limão, também chamado por Suco de Bituca. Ele nasceu e viveu no ABC Paulista, mas mudou-se para a região central de São Paulo, onde tem se dedicado a mapear em busca de um Suco de Bituca digno.

DOIS TIPOS DE PESSOAS

Por Vilto Reis

"Se vai atirar, atire, não fale."
– Do filme *O bom, o mau e o feio*
(1966).

Tem um passarinho tão grande no fio do poste que Chaparral jura ser um urubu. Ao longe, muito longe, ouve sons que lembram tiros, mas podem ser fogos de artifício. Ele dá de ombros, caminhando pelas ruas de Pato Branco, com as mãos afundadas nos bolsos do sobretudo. Pouco depois, se encontra em frente a uma loja de caça e pesca. Ajeita os derradeiros cabelos, ou o que resta ao lado da cabeça, e dá uma olhada para o céu antes de entrar no estabelecimento. O sol vai morrendo no horizonte. A tarde morna de inverno é a promessa de uma noite fria.

Chaparral entra na loja.

"Sinto muito, mas estamos fechando", um velho de avental diz.

"Revólveres", exclama como uma criança em loja de doces.

"É, revólveres. Aqui é onde eu guardo os melhores", o vendedor responde, levando-o até um balcão de vidro e segue falando, "Remington, Colt, um Roat, Smith-Wesson, Colt, Navy, Joslyn, outro Remington. E este é –"

"Este basta. Cartuchos."

"Quer testar a pistola? Vá ali atrás."

"Vamos."

Como a sombra do vendedor, Chaparral o segue pelo cômodo, culminando em uma porta. O terreno nos fundos da loja possui um matagal por detrás de uma pilha de tijolos. Ele acompanha com os olhos a direção apontada pelo velho. Carrega a Smith-Wesson, Magnum, Trinta e Oito e mira em uma garrafa. Sua mão parece aderir ao cabo de madeira.

Atira. Dois tiros.

E diz ao vendedor, "vou levar."

O morto nada responde.

Em seguida, ele bate pernas até o motel. Minutos atrás, recebeu a foto do alvo. O melhor é encontrar Azul e Rosa para trocarem uma ideia.

Quem sabe, resolvam fazer um reconhecimento, ou algumas perguntas, ou saiam para descobrir qualquer coisa, enquanto esperam por Preta para executá-lo.

Atravessa o pátio do posto de gasolina. Passa pela conveniência seguindo para os fundos. Encontra os quartos germinados que formam o motel. Nos bolsos, com uma mão segura a chave do seu quarto. Com a outra, alisa a Magnum novinha. Em frente à sua porta, acha seu parceiro, Rosa. Olha para a figura, grande, corpulenta, cabelos ruivos caindo sobre os ombros, os pés calçados em pantufas, vestido de pijama, e desacredita mais uma vez que possa matar alguém. Braun deve tê-lo contratado para dirigir o carro, só pode.

“Novidades, galo?”

“Recebeu a foto?”, Chaparral pergunta.

“Esperamos Preta?”

“Achei a loja.”

“De armas?”

“Pode se dizer que sim”, Chaparral diz e tira a Magnum do bolso. Mostra a Rosa.

“Porreta.”

“Há dois tipos de pessoa, as que falam e as que fazem. Eu disse que ia comprar.”

“Quero ver esse berro em ação.”

“Tá louco?”

“Já viu atrás do motel, galo?”

“Meio arriscado. Não devemos chamar atenção.”

“É um puta de um espaço vazio ali. Perguntei pros malucos ali da recepção. Só de terreno deles são cinco quilômetros.”

“Não seja idiota. O som do tiro vai se espalhar mais fácil.”

“Galo, não ouvisse nenhum tiro desde que chegasse?”

“Pode ser que sim.”

“As pessoas aqui são acostumadas a caçar. Vamos passar batido, saca?”

Chaparral se deixa convencer. Diz a si mesmo que quem sabe assim o parceiro desista daquele berro ferrugento que chama de Julieta e compre um ferro de verdade. Segue Rosa para trás dos quartos do Motel. Uma planície se abre à sua frente. Distante, quase a perder de vista, vê uma malha de eucaliptos. Aos seus pés, um pouco de mato rasteiro. Andam o que pode ser quinhentos metros ou um quilômetro. O campo aberto o desorienta. A única referência é um casebre. Talvez de dois metros por três, feita de tábuas de caixaria e coberta de eternit, com um carrinho de mão e algumas ferramentas encostadas do lado de fora.

Rosa para de andar a cerca de cinquenta passos de distância. Fica olhando para o horizonte.

Com a Magnum em punho, Chaparral dá dois tiros, quase seguidos.

Rosa aparenta acordar. Olha ao redor. Não surge ninguém.

“Posso tentar?”, Rosa pergunta.

Chaparral oferece o revólver.

O outro descarrega os tiros restantes. Faz um bom trabalho. De longe, dá para ver. Atirou na barriga do carrinho de mão.

“Marrom?”, Rosa chama sua atenção.

“Sim?”

“Tem mais aí?”

“Munição?”

“Só comprou essa arma, galo?”

“Sabia que ia desistir de Julieta. Ninguém resiste a uma Magnum.”

“Tem mais uma aí?”

“Comprei só essa, mas podemos voltar lá na –”

“E a sua, que trouxe aqui pra Pato Branco?”

“Ficou lá no quarto. Por que tantas –”, Chaparral engole em seco. Rosa saca aquela porcaria que chama de Julieta e mantém apontada para ele. “Só pode tá brincando.”

Em poucas palavras, Rosa conta sua história, da mãe que só depois de adulto descobriu ser prostituta, de nunca ter tido um cachorro de verdade e a descoberta, ao ver a foto de reconhecimento enviada por Preta, que o cara que vieram matar é o melhor amigo de infância.

“Agora ouça bem o que vai fazer, galo”, Rosa diz, “vamos até aquela casinha de ferramentas. Vai pegar a pá e cavar um buraco.”

“Minha cova?”

“Nada pessoal, Marrom.”

“Por quê, rapaz? Posso ir embora e esquecer tudo. Ficamos quites”, tenta argumentar.

Rosa ignora. Manda que cave ao chegarem ao local que ele aponta. Ainda diz, “Marrom, existem no mundo dois tipos de pessoas, as que cavam e as que atiram.”

Até ali, estava tudo bem. Mas isso deixa Chaparral puto. Se recusa a cavar.

Rosa atira.

VILTO REIS é idealizador do site Homo Literatus e apresentador do podcast 30:MIN. Tem contos publicados em revistas online e nos livros *Projeto Beta* (EdiFurb, 2015) e *Sentimentos à flor da pele* (crowdfunding que organizou). Seu romance *Um gato chamado Borges* foi finalista do Prêmio SESC e será publicado em 2016.

FAROESTE

"[...] em um tempo em que os poetas tinham esquecido sua origem épica, e, por que não dizer, seu dever de ser épico, Hollywood se encarregou desse dever para o mundo. E agora o Oeste – o *Far West* – está no mundo todo, já que no mundo todo o mito – já podemos chama-lo de mito – da planície e do cavaleiro, o mito do cowboy, se verifica."

- Jorge Luis Borges em *Sobre a filosofia e outros diálogos* (Hedra, 2009)

Os contos que você lerá a partir desta página encaixam-se na seção temática da revista: FAROESTE.





TRÊS DEDOS

Por Daniel Cúrio

Não tinha mais do que 10 anos quando a história começou. Naquela época, duas vezes por semana eu ia até Fort Greenwich, onde trabalhava no saloon ajudando a limpar as mesas e a lavar os copos. O senhor Jeb me pagava algumas moedas, que eu entregava diretamente para mamãe, na fazenda. Era um trabalho pesado e perigoso, já que volta e meia começava algum tiroteio no lugar. O próprio senhor Jeb, por duas vezes, foi atingido. Eu sempre me escondia debaixo das mesas e conseguia sair ileso.

O melhor de trabalhar em um saloon era saber as novidades. Os forasteiros e viajantes sempre paravam ali para um trago e contavam um pouquinho sobre o que se passava nas cidades vizinhas. Outra coisa boa era conhecer as figuras mais famosas que pisaram no Arizona naquela época. Tive a oportunidade de servir grandes pistoleiros como Matt Ligeiro e Água Suja McCoy. Até ganhei uma gorjeta gorda de Holiday Nelson quando carreguei sua sela até um quarto. Por mais que fossem foras da lei, era divertido estar no meio daquela gente.

Graças ao trabalho no saloon foi que descobri sobre o problema com a fazenda. Um sujeito corpulento conversava com um magrelo de olhos esbugalhados sobre Quentin Nevada, um homem muito rico que costumava visitar Fort Greenwich de tempos em tempos. “Se a mulher não vender a fazenda do Velho Jimmy, não vai ter jeito. O senhor Nevada já mandou um assassino para dar cabo dela e do filho”, o homem dizia, sem saber que falava de minha mãe e de mim.

Pequeno Jimmy era como me chamavam na época. Meu pai, James Cobalt, o Velho Jimmy, tinha morrido alguns anos antes. Ele era o xerife de Fort Greenwich, que ninguém sabia por que tinha esse nome já que não havia forte algum na cidade. Quando se aposentou – a mesma época em que conheceu minha mãe, Dolores –, o Velho Jimmy comprou uma fazenda a uma hora do centro e passou seus últimos anos plantando trigo e milho, sem muito sucesso. O terreno era muito árido e dificultava o

crescimento das plantas. Ainda assim, todos nós amávamos muito aquela fazenda.

Um pouco depois que o velho morreu, Quentin Nevada apareceu lá em casa. Teve uma conversa com a minha mãe na sala (eu ouvi tudo escondido atrás de um armário) sobre o futuro financeiro da família. E ele estava certo sobre aquilo. Meu pai tinha um dinheiro guardado, que nos sustentava. Além disso, fazia alguns serviços temporários para complementar a renda. A fazenda, em si, nunca deu dinheiro. Com a morte do Velho Jimmy, nossa situação tinha piorado muito.

– Vocês precisam vender a fazenda – disse Nevada. – O Velho Jimmy era meu amigo e pretendo oferecer uma boa quantia pelo terreno. Será o suficiente para você e o Pequeno Jimmy viverem por muitos anos, prometo.

Ele deu uma semana para que minha mãe avaliasse a proposta. Eu nunca fui apegado àquele lugar e, por mim, teria ido embora na mesma hora. Dolores pensava diferente. Para minha mãe, aquele era o lar dela e do meu pai. Ali ela tinha sido feliz e tinha me criado. Ela não queria se desfazer do terreno. Quando a notícia da recusa chegou a Quentin Nevada, ele mandou dois homens, no meio da madrugada, incendiarem nossa pequena plantação. Foi nessa época que tive de trabalhar no saloon.

Descobrimos mais tarde o motivo do interesse de Nevada na fazenda. Ele tinha recebido informações privilegiadas sobre o trajeto de uma nova ferrovia. Nosso terreno ficaria em uma posição excelente para a construção de novos empreendimentos, ao lado de onde seria a estação de Fort Greenwich. A ideia dele era comprar a fazenda por um preço pequeno (ainda que para nós fosse muito significativo), dividi-la em lotes e revender cada um por uma fortuna.

Quando ouvi a história de que um assassino estava se aproximando da cidade para fazer uma “proposta final” para minha mãe, tentei convencê-la a todo custo a vender a fazenda. Ela estava irredutível. Chegou a dizer que preferia morrer ali, na terra do meu pai, do que sair sem rumo pelo país. Eu tinha uma ideia bem diferente sobre aquilo. Juntei todo o dinheiro que tínhamos guardado e fui à cidade em busca de auxílio.

Era dia de trabalhar no saloon. O senhor Jeb, que também tinha escutado a conversa do dia anterior, tentou me convencer a ir embora para ficar com Dolores, prometendo me pagar a quantia combinada por aquele dia. Eu fingi que não ouvi e continuei recolhendo copos e passando pano nas mesas. Foi numa delas que vi minha sorte mudar.

Quatro homens jogavam pôquer na mesa do canto, que ficava perto de uma janela. Dois deles eram frequentadores assíduos: Peterson, o prefeito, e Caldwell, o atual xerife. Sempre, na hora do almoço, os dois faziam uma pausa para jogar. Era a única hora do dia em que a paz reinava naquele lugar. O terceiro homem era um fazendeiro que toda semana chegava à cidade para vender queijos e parava no saloon para uma partida e uma bebida. Já o quarto eu nunca tinha visto. Era um sujeito alto, barba por fazer e pele muito queimada de sol. Numa cadeira

ao lado, repousava seu chapéu e seu revólver no coldre. Seria só mais um forasteiro se não fosse por um detalhe: a mão direita, que ele mantinha repousada o tempo todo no colo, longe da vista dos outros jogadores, não tinha os dedos mínimo e anular.

Ele era conhecido como Tony Três Dedos. Num impulso, quase disse esse nome, mas me segurei, pois tinha a impressão de que o xerife e o prefeito não tinham percebido que aquele era um fora da lei. Três Dedos era um dos maiores pistoleiros de que já ouvira falar nos meus dias de saloon. Diziam que tinha uma pontaria perfeita e um talento fora do normal para entrar em brigas. Alguns afirmavam que seus dedos foram arrancados por um marido ciumento de uma mulher com quem Tony tinha se deitado. Mas a história mais recorrente era que, em outro jogo de pôquer, sem dinheiro e com um full house, apostou os dois dedos que não eram essenciais para atirar. Infelizmente, outra pessoa tinha um royal straight flush. Trocou uma mão boa por outra. Só depois teria se tocado de que podia ter apostado os dedos da mão esquerda.

Esperei a partida acabar e as autoridades irem embora para me aproximar dele. Continuava na mesa, contando o dinheiro que ainda tinha. Não era mais do que seis moedas.

– Tony Três Dedos? – minha voz estava trêmula.

– Deve estar me confundido – ele afundou o chapéu na cabeça, como se estivesse se escondendo.

– Sei bem o que estou falando – insisti. – O senhor é um caçador de recompensas, certo?

– Isso é uma maneira de dizer. Já fui chamado de outros nomes, também.

– Estou vendo que o senhor está com pouco dinheiro. Posso ter uma proposta de negócios para você.

– Ora, ora – ele tinha um tom debochado. – Não sabia que estava falando com um anão rico – Tony bateu com os três dedos na minha cabeça, acentuando minha baixa estatura.

– Eu e minha mãe precisamos de ajuda. Tenho um dinheiro guardado... – coloquei uma pequena sacola com as moedas que tinha economizado sobre a mesa.

– Isso serve para começarmos a conversar – ele pegou a sacola e colocou no bolso. – Você tem uma cama quente onde eu possa descansar antes de entender qual é o serviço?

Tony esperou até que eu terminasse de lavar os copos que se acumulavam e me acompanhou até a fazenda. Minha mãe ficou enfurecida quando viu que eu tinha levado um estranho para nossa casa, mas depois concordou que aquela poderia ser a melhor solução para o nosso caso. Provavelmente, Três Dedos estava muito cansado, pois dormiu daquela tarde até quase a hora do almoço do dia seguinte. Só então conseguimos sentar para conversar com calma.

Dolores tinha preparado um guisado com frango. Normalmente, comíamos muito pouco, pois nos faltava de tudo, mas o pistoleiro não parecia muito preocupado com nosso racionamento e esvaziou três pratos em poucos minutos. Depois arrotou discretamente, desculpou-se,

acendeu um charuto e nos deu atenção.

Mamãe explicou nossa situação para Tony. Ela deu todos os detalhes possíveis e ele permaneceu calado por todo o tempo. Quando finalmente estávamos todos em silêncio, ele decidiu se manifestar.

– Então essa é a fazenda do Velho Jimmy? – ele mastigava a ponta do charuto. Dolores assentiu com a cabeça. – Eu e o Velho Jimmy já tivemos nossas diferenças. Passei uma semana na cadeia, sem banho e sem um travesseiro, por causa dele. Sinto muito, mas não posso ajudá-los.

Ficamos ali, atônitos, assistindo Tony ir embora. Ele catou seu chapéu e sua bolsa e já estava se ajeitando no cavalo quando minha mãe, chorando, saiu correndo atrás dele.

– Escute aqui, Tony Três Dedos! Meu marido era um homem honrado. Se você passou uma semana na cadeia, isso é um problema seu, e não dele. Você vem à nossa casa, toma o nosso dinheiro e come a nossa comida... e agora vai embora assim?

Tony não respondeu. Limitou-se a cuspir do lado oposto ao que Dolores estava. O cavalo seguia calmo em direção à saída da fazenda.

– Meu filho... ele confiou em você – as lágrimas escorriam pelo rosto de minha mãe. – Você vai trair sua confiança dessa maneira?

Nesse momento, Tony parou. Fez o cavalo virar-se um pouco e me olhou. Eu estava um pouco distante, na porta da casa. O pistoleiro disse alguma coisa para minha mãe, que eu não consegui ouvir, desceu do cavalo e foi puxando-o pelas rédeas até voltar para onde estava amarrado.

– Pois bem, Jimmy – aquela foi a primeira vez que alguém não me chamou de “Pequeno Jimmy”. – Se eu vou ficar aqui para proteger sua mãe e sua fazenda, vou precisar de ajuda.

A primeira semana de Tony conosco foi calma. Ele passava o dia sentado na varanda com uma espingarda na mão. Às vezes, se levantava e protegia os olhos do sol com a mão esquerda, tentando enxergar mais longe. Nunca era alguém se aproximando, então ele voltava a se sentar. Quando a noite caía, ele me levava para uma área mais afastada da fazenda e me ensinava a atirar. “Se eu cair”, ele me disse uma vez, “tudo vai depender da sua pontaria e do seu sangue frio”.

No começo, Tony Três Dedos parecia um parasita. Dormia, comia e descansava, como se estivesse guardando forças para um próximo serviço. Mas, na segunda semana, ele mudou. Começou a passar mais tempo dentro de casa do que na varanda. Ajudava minha mãe com as tarefas domésticas e, às vezes, até cozinhava para que ela pudesse repousar. Nos domingos, quando o pastor vinha à nossa casa para fazer algumas orações, ele ia para a lavoura e ajudava a plantar e colher. Tony tinha uma mão boa (com o perdão do trocadilho) para o cultivo e nossos milhos estavam mais verdes do que nunca. E, quando ele descobriu que eu não sabia ler, passou a se dedicar a me ensinar, antes de dormir. Era bom ver aquela casa viva de novo, como nos tempos de meu pai.

Ele já estava na fazenda havia um mês quando minha mãe avisou que precisava ir à cidade. Tinha feito bolos com o milho colhido e precisava levá-los ao pastor, que pagaria uma pequena quantia, vital para

nossa sobrevivência. Tony não gostou da ideia. Propôs que ele mesmo levasse, mas a fazenda ficaria desprotegida. Eu me ofereci, mas ele não me queria sozinho por aí. Por fim, fomos todos juntos na charrete do Velho Jimmy.

– Eu preferia que você tivesse ficado para proteger a fazenda, Antony – Dolores resmungou em determinado momento. Ela o chamava de Antony, como se não quisesse tomar intimidade com ele.

– De nada adianta uma fazenda protegida se você estiver morta – Três Dedos rebateu.

Tony parou a charrete na porta da casa do pastor e ajudou minha mãe a carregar os bolos para dentro. Quando o homem foi cumprimentá-lo, ele fugiu. Alguma coisa na religião incomodava o pistoleiro. Dolores avisou que ia se demorar por, pelo menos, uma hora, então saí também e fiquei na charrete esperando com o pistoleiro.

– Posso te perguntar como você perdeu os dedos, Tony? – eu estava sem graça.

– Aposto que já ouviu histórias por aí.

– Sim. Já me disseram que foi numa partida de pôquer ou arrancados por um marido ciumento.

– E o que você acha? – acho que foi a primeira vez que vi Tony Três Dedos sorrindo.

– Prefiro acreditar que foi no pôquer. Não acho que você se meteria com uma mulher casada.

– Vou te contar a verdade, Jimmy. Eu era casado e tinha um filho menor que você. Um dia levei meu garoto para um canyon, para aprender a atirar, como fiz com você. Estávamos bem perto da beirada e o menino...

– Qual era o nome dele?

– Wallace – ele disse, depois de um breve silêncio. – Wally – outro silêncio. – Wally nunca tinha demonstrado interesse em manusear uma arma, mas ficou empolgado quando eu disse o que iríamos fazer. Coloquei um pedaço largo de madeira como alvo, mas durante toda a manhã ele não conseguiu acertar nenhuma vez. Mas, quando estava quase na hora de ir embora, eu disse para ele... Filho, se algum dia eu cair...

– ... tudo vai depender da sua pontaria e do seu sangue frio – eu completei automaticamente.

– Isso. E, nessa hora, ele respirou fundo, mirou e acertou. Wally ficou muito feliz. Tão feliz, que quis buscar o alvo para levar para casa. Ele foi correndo para pegar a madeira, que estava na beira do canyon. Ele não conseguiu parar a tempo, pois estava muito empolgado. Meu Wally escorregou e se segurou no que pôde. Eu corri e me lancei para segurá-lo, mas um anel que eu tinha ficou enganchado em uma raiz – dessa vez, ele fez um longo silêncio. – Eu não cheguei a tempo de salvar meu menino. E perdi meus dedos, para sempre me lembrar desse dia.

– Eu lamento, Tony – meus olhos estavam molhados. – E sua mulher?

– Depois que eu contei o que tinha acontecido, nunca mais a vi.

Espero que ela esteja bem.

– Você pensa muito nele?

– Muito. Especialmente nas últimas semanas. Sempre imaginei que Wally seria um grande amigo, um grande parceiro. Nos imaginava cavalgando por aí, atirando juntos e brindando nossas conquistas.

Ficamos ali sentados, sem assunto, esperando minha mãe voltar. O silêncio me incomodava mais do que qualquer coisa – mais que o sol forte e que o tempo seco. Precisei puxar conversa.

– Sabe que dia é amanhã? – perguntei inocentemente. Não tinha como ele saber.

– Quarta-feira? – ele arriscou.

– Sim, mas não é qualquer quarta-feira. Amanhã é meu aniversário. Por isso minha mãe quis trazer os bolos. Ela quer algum dinheiro para fazer um almoço especial. Já disse que é bobagem.

– Bom, feliz aniversário.

– Que tal comemorarmos essa grande conquista?

– Estou vendo aonde quer chegar – ele me cortou. – Estamos esperando sua mãe voltar. Não vou sair daqui.

– Por favor, Tony! – insisti. – Vou fazer 11 anos. Sou praticamente um adulto. Isso merece um brinde!

Tanto pedi que Tony cedesse. Saímos da charrete e fomos até o saloon, que ficava na mesma rua, algumas quadras adiante. Lá, Jeb nos serviu duas doses de bourbon. Acho que o meu estava diluído em água, pois não achei tão forte quanto Três Dedos disse que seria. Ele me deu um abraço desajeitado e fomos para a rua novamente.

Num reflexo natural, o pistoleiro protegeu seus olhos do sol enquanto olhava para a charrete. Demorei ainda um tempo até enxergar com clareza o que estava acontecendo: quatro homens grandes e sujos avaliavam nosso veículo. Tony ordenou que eu ficasse ali, mas eu não obedeci e o segui a certa distância. Quando estávamos na metade do caminho, o que eu temia aconteceu e minha mãe saiu da casa do pastor. Três Dedos disparou numa corrida, enquanto um dos homens se aproximava de maneira grosseira de Dolores. Com uma força descomunal, ele debruçou minha mãe sobre o cavalo e montou, partindo. Os outros três também tentavam subir nos cavalos, mas Tony agarrou um deles e impediu a fuga.

– Quem é aquele homem! Quem são vocês! – ele quase espumava, descontrolado.

– Ele é Abe Richards. Meu nome é Lee. Só trabalho com ele.

Abe Richards era famoso por conta de uma expressão: “Filhos de Abe Richards”. Era um ladrão conhecido, que jamais havia pisado em Fort Greenwich. Ouvi seu nome algumas vezes no saloon e sempre me dava arrepios. Era conhecido pela crueldade nos assaltos que fazia e, principalmente, por estuprar diversas mulheres que, muitas vezes, engravidavam. Essas crianças, muitas espalhadas por todo o oeste, eram os Filhos de Abe Richards, sempre tratados como a escória de suas cidades.

Eu já estava preparando a charrete para ir atrás dele quando Tony me segurou e me levou para dentro da casa do pastor. Como eu não sossegava, ele me amarrou a uma cadeira e pediu que o religioso tomasse conta de mim naquele dia. No meu ouvido, enquanto me amarrava, ele disse:

– Já perdi um garoto, Jimmy. Não vou perder outro.

Ele partiu e meu relato, daqui em diante, pode não ser muito preciso, pois só sei o que me foi contado posteriormente.

Tony conseguiu arrancar de Lee algumas informações. O bandido disse que Abe Richards ia roubar uma diligência que sairia de Fort Greenwich na manhã seguinte. Por isso, estava acampado nos arredores da cidade. O melhor plano seria se infiltrar na diligência e pegar o ladrão desprevenido, mas Tony Três Dedos não tinha tempo a perder. Cada minuto que Dolores passava com Richards poderia ser o último.

Montado em seu cavalo e munido apenas de seu revólver, Tony mergulhou na pradaria enquanto a noite caía. Deve ter cavalgado por duas horas até avistar as barracas de Abe e seus homens. Uma fogueira magra iluminava ligeiramente o acampamento.

Três Dedos foi sorrateiro. Com seis tiros e três oponentes, ele não podia arriscar. Esgueirou-se nas sombras e esperou que um deles se afastasse do bando. Era um homem muito parecido com Lee, exceto pelo fato de que um tinha bigode e o outro não. Ele havia caminhado um pouco para urinar. Enquanto o jato quente atingia a areia, o sujeito sentiu algo gelado em sua garganta e depois um líquido morno escorrendo pelo pescoço. Antes que entendesse o que tinha acontecido, já estava morto.

Nesse momento, era questão de tempo até que os outros dessem falta do bandido. Era necessário ser mais ofensivo e Tony correu para o acampamento. Encontrou o segundo ladrão limpando sua arma, se preparando para o ataque do dia seguinte. Tony pretendia matá-lo também cortando a garganta, mas foi visto quando se aproximava. Atirar foi inevitável.

– O que foi isso? – Abe gritou, perto dali. Na certa, esperava que um de seus homens dissesse que foi só um acidente, mas ninguém respondeu. – Eu vou matar a mulher, se você se aproximar – ele disse, sem saber exatamente com quem falava.

Dolores chorava. O som estava abafado, indicando que ela estava amordaçada. Provavelmente, também estaria amarrada. Longe dali, na casa do pastor, eu rezava com sua família para que minha mãe estivesse bem.

Quando Abe Richards e Tony Três Dedos ficaram cara a cara, o ladrão riu. Ele tinha a cabeça de Dolores na ponta do cano de seu revólver.

– Não tinha um homem inteiro para mandar atrás de mim? – guinchou pelo nariz. – Mandaram um pistoleiro sem dedos!

Os dois se avaliaram à distância e talvez Abe tenha considerado que Tony não era uma ameaça, pois atirou minha mãe para o lado. Três Dedos apontou sua arma e atirou, mas a bala passou longe do bandido. Em seguida, foi a vez de Abe, que acertou o pistoleiro.

Tony caiu e minha mãe se desesperou.

– Parece que você não está valendo muita coisa – Richards ainda ria.
– Esse homem é simplesmente o pior atirador que eu já vi.

Abe, o ladrão, caminhou até onde Tony estava caído. Pretendia dar um tiro de misericórdia, mas se surpreendeu. O tiro havia acertado o ombro do pistoleiro, que ainda conseguia reagir.

BANG! Minha mãe ouviu o terceiro tiro daquele duelo, mas não sabia o que tinha acontecido. A cena estava estática e aqueles poucos segundos duraram uma eternidade em sua cabeça. Só quando ela identificou quem tinha morrido, conseguiu relaxar. Abe Richards não ameaçaria mais nenhuma mulher.

Com grande dificuldade, Tony desamarrou minha mãe e ela o ajudou a subir no cavalo e voltar para Fort Greenwich. Por duas vezes, ele quase desmaiou pela perda de sangue, mas Dolores estava lá para ampará-lo.

Fiquei eufórico quando vi os dois chegando à casa do pastor. O médico da cidade veio e cuidou dos ferimentos de Três Dedos. Em seguida, fomos para a charrete e voltamos para a fazenda.

Tony ardeu em febre por dois dias. Eu e minha mãe nos revezávamos para cuidar dele. Quando enfim acordou, tentou nos agradecer, mas não sabia como. Naquela mesma noite, vi minha mãe entrar no quarto do pistoleiro. Espiei tudo por uma fresta na parede de madeira. Ela tirou sua camisola e o beijou. Um beijo demorado, cheio de paixão, como ela jamais beijou o Velho Jimmy. Visto isso, saí da fresta, dando privacidade aos dois.

Ainda era madrugada quando Tony entrou no meu quarto. Ele tinha uma sacola na mão. Nela, estavam as minhas moedas (aquelas usadas para contratá-lo), as moedas que lhe restaram após a partida de pôquer e muito mais dinheiro.

– Jimmy – ele disse baixo, sem sussurrar. A voz estava mais rouca do que o normal. – Preciso que você pegue esse dinheiro. Nosso contrato está de pé, mas as condições mudaram. Pegue esse dinheiro e leve sua mãe para bem longe daqui. Esqueçam essa fazenda e tratem de jamais voltar.

– Mas, Tony, e quanto ao homem que Quentin Nevada contratou para nos matar? – eu perguntei, inocente.

– Quanto a esse, vocês não precisam se preocupar. Mas eu continuarei aqui, pronto para matar o homem que me contratou para esse serviço.

Fomos embora antes do dia nascer. Nunca contei essa história para minha mãe. Fomos para Nova York, viver com uma prima viúva de Dolores. Às vezes falávamos da fazenda. Muitas vezes lembrávamos de Tony Três Dedos e nos questionávamos qual teria sido seu destino. Foi assim até minha mãe morrer de uma pneumonia, no último verão.

Já se passaram dez anos desde que pisei em Fort Greenwich pela última vez. Escrevo essas palavras de dentro do trem, que em minutos parará na recém-inaugurada estação da cidade. Recebi, há algumas semanas, uma carta avisando que eu deveria voltar à minha fazenda. Não

sei o que vou encontrar lá, mas conheço muito bem a letra de quem escreveu a carta. É a letra do homem que me ensinou a escrever, um homem com apenas três dedos.

DANIEL CÚRIO é jornalista. Publicou aos 11 anos, de forma independente, o livro de poemas Sementinha, em 1994, e participou de diversas antologias. Atualmente, dedica-se apenas à prosa. Tem muitas ideias, mas ainda não conseguiu transpor todas para o papel. E, principalmente, não sabe falar muito sobre si.



BANG

Por Jefferson Figueiredo

Atrás de arbustos no alto da colina, os três homens se posicionam. No primeiro plano, um negro, de olhar duro, segura um rifle. Às suas costas, dois homens: um loiro e um ruivo. “Você tem certeza de que é isso que devemos fazer?”, pergunta o loiro. O negro mantém a atenção na planície. “Sim, tenho.” Os outros dois se entreolham. O ruivo dá os ombros. “Não entendo. Se é apenas um homem a cavalo, por que precisa de nós dois?” O negro suspira. Seus olhos correm para a dupla e voltam a mirar a imensidão. “Quem me pagou pediu para que fizéssemos o serviço em três pessoas. Além disso, não é certo que o nosso homem estará sozinho. Caso não esteja, quem estiver com ele vai querer tirar satisfação. Nossa posição é boa, porém, óbvia.”

Uma brisa corta o alto da colina, vento suficiente para balançar as folhas das árvores. O ruivo se volta para trás e logo desiste. “Vamos repassar a história,” ele diz. “Em resumo, somos teus apoios caso nosso alvo esteja acompanhado.” O negro balança a cabeça. “Não seria mais fácil escapar sozinho?” A aragem sopra novamente. A folhagem farfalha. “Não. Eu sei que vocês dois não são homens de detalhes”, ele diz, “mas, caso ainda não tenham notado, tenho um problema na perna esquerda. Levei um tiro há alguns anos na coxa. Consigo caminhar coxeando. Correr, não.” O ruivo passa a mão pela cabeça. O loiro arranca um pedaço de grama com a mão. A vegetação continua a farfalhar. “Que estranho”, diz o ruivo. “O quê?”, pergunta o loiro. Com cuidado, o ruivo põe o indicador dentro e o estende para o alto, depois o abaixa e tenta se voltar outra vez para vez o que há atrás deles. Não há vento.

Bang.

Enquanto aguardam o negro retornar com o rifle, o loiro e o ruivo conversam. “Eu o conheço de algum lugar”, diz o ruivo. “Também tive essa impressão”, replica o loiro, “mas tenho essa sensação o tempo todo. Depois de passar por todos os lugares, os rostos se misturam.” O ruivo

passa a mão na testa para apagar o suor. “No caso dele”, o ruivo insiste, “tenho certeza.” “Por que não pergunta?” “Não sei.” Faz um longo silêncio antes de continuar a falar. “Talvez porque não confie nele.”

Ambos esperaram por muito tempo até que ele saísse da loja. “O que ele foi comprar?”, pergunta o loiro. “Munição para o rifle”, o ruivo responde. “Disse que aqui tem uma munição especial. Algo com estabilidade para conseguir acertar alvos mais distantes.” Sem saber o que dizer, o loiro dá os ombros.

Ao sair, a dupla nota que o negro usa um volume desproporcional de roupas. O sol alto queima. “Não está com calor?”, o loiro pergunta. Ele apenas oscila a cabeça e toma o rumo onde os cavalos estão. A perna esquerda mancando. Eles o seguem sem conversar. Antes de partirem, passam novamente em frente à loja. Um homem de bigode grosso os observa entre seus olhos apertados. Encara-os até desaparecerem.

Chegando à colina, amarram os cavalos em um ponto em que ninguém os veja. Sobem devagar. “O homem da loja não parece ter muitos amigos”, diz o ruivo. “Coloquei a mão no coldre com medo de que ele fosse querer encrensa.” O negro passa a mão pela folhagem dos arbustos enquanto alcançam a posição. “Ele perdeu alguém especial.” “A esposa?”, perguntou o loiro. “Ela morreu ao dar à luz.” A brisa farfalha os arbustos na volta. Eles estão próximos. O ruivo gira a cabeça rapidamente e logo desiste. Procura outra vez e então passa a mão no cabelo. “Aqui”, diz o negro apontando os arbustos no alto da colina, “esse é o nosso ponto.” Ele puxa rifle e se posiciona. Mira em um objeto distante. Fixa os olhos em um ponto indefinido. A dupla observa sem dizer nada. O farfalhar das folhas parte o silêncio em dois.

Bang.

O loiro bebe cerveja em uma mesa no canto. Seus olhos correm à procura de uma mulher bonita. Tamborila os dedos em um ritmo constante, como o de uma cavalgada. Pega o papel no bolso da camisa e o examina. Aperta os olhos e usa toda a força para decifrar o que está escrito. Ao ver um homem com um relógio na mão, pergunta educadamente as horas. Termina de beber a cerveja e pede outra. Os olhos não saem da entrada. Quase ninguém entra ou sai e ninguém vem falar com ele. A cavalgada dos dedos aumenta, percutindo.

Está a ponto de terminar a cerveja quando vê o ruivo entrar. De início não o reconhece. A barba longa e o jeito reto de andar logo reavivam a memória. O ruivo dirige um olhar na sua direção e sorri. Ele se levanta. Trocam um abraço forte com tapas nas costas. “Quanto tempo”, o loiro diz. “Desde o assalto ao banco”, o ruivo completa. “Dois anos?” “Dois anos e três meses.” “Por onde andou?” Ambos se examinam. Suas roupas estão sujas e desgastadas. “Por aí”, o ruivo responde, “e você?” “Por aí.” Sentam-se à mesa – a mesma em que o loiro estava. “O que faz por essas bandas?”, pergunta o loiro. Os dedos correm junto ao corpo até atingirem o bolso esquerdo da calça. De lá sacam um papel amassado. “Tenho um trabalho a fazer. Recebi esse telegrama.” O loiro puxa novamente o seu papel e o mostra ao ruivo. “Diz o mesmo que

este?” Ele pega o papel da mão do loiro e o examina com cuidado. “O local e o horário são os mesmos.” “Quer dizer que seremos parceiros?” “Isso mesmo”, o ruivo diz entregando o telegrama. “Conhece o nosso homem?” O ruivo balança a cabeça enquanto chama o garçom. Brindam pelos velhos tempos. “Dois anos”, diz o loiro. “Dois anos.”

O negro surge e se dirige à mesa do canto. Puxa a perna esquerda e porta um rifle. Em silêncio, senta e põe o rifle sob a mesa.

Bang.

“Preciso comprar as balas”, diz o negro. “Eu tenho algumas balas de rifle comigo”, o ruivo avisa. Ele faz um olhar carrancudo. “O que quero são balas especiais. Vou precisar atirar em algo distante e em movimento. Não pode ser qualquer tipo de munição. Naquela loja há um tipo de munição especial. Se me dão licença, já retorno.”

Caminha sem olhar para trás. Puxa a perna para subir o degrau, entra na loja e se dirige a um ponto no qual sabe que não vai ser visto da rua. “Então, são eles?” “Sim”, responde ao homem de bigode grosso. “Faz dois anos e pouco que não os vemos.” Ele mexe atrás do balcão. O som de coisas batendo toma a loja. “Não precisa pegar os cartazes, tenho certeza de que são eles.” “Tem certeza?” O negro se desloca com dificuldade para o outro lado do balcão. “Me dê munição para o rifle.” “De qual tipo?” “De qualquer tipo.” O homem do bigode grosso mexe na prateleira atrás deles enquanto o negro procura algo atrás do balcão. “Onde você colocou minhas coisas?” “Atrás da caixa.” O negro encontra o revólver e os outros pertences. Tira o revólver e duas pequenas facas. Guarda a arma no peito. Passa a mão sobre a roupa e fica satisfeito. O volume é suficiente para disfarçá-la. Põe as facas na cintura, furando o bolso para não se ferir. Enquanto o homem do bigode grosso desce a escada com a munição, ele testa o movimento de pôr a mão dentro da camisa e atirar. Pratica a manobra três vezes. “Vai atirar com ela dentro da camisa?”, pergunta o homem do bigode grosso ao entregar as balas. “Pensei que você tinha combinado com os homens de fazer a emboscada na colina.” “Apenas em caso de que algo não dê certo.” “Não seja tolo.” O negro pega as balas e as põe no compartimento do rifle. “Pedi para que não atirassem na cabeça ou no tronco. Quero matá-los eu mesmo.” “Não seja estúpido.” “Você não foi o único que perdeu algo. Hoje sou um aleijado que não serve para nada. Tua filha ao menos morreu e não incomoda ninguém. Mortos não falam.” Pegou o rifle e fez pontaria. “Quando estiverem caídos, vou apontar este rifle para a cara de cada um deles e fazer o que espero há tanto tempo.”

Bang.

“Lembra do assalto ao banco?”, o ruivo diz depois de se voltar mais uma vez. O negro se mantém firme na posição. “Como não lembrar”, continua o loiro, “foi uma confusão. Demos tiros para todos os lados.” “É verdade, atiramos para todo canto.” “Não me lembro o que aconteceu para que tivéssemos que chegar nesse ponto.” O negro aperta com força a

coronha. Seus dedos suam, mas ele não desvia o olhar. “Alguém do grupo nos dedurou,” o loiro responde. “De alguma forma, ele conseguiu passar por uma pessoa normal e nos entregou ao xerife. A ideia era pegar o dinheiro das nossas recompensas.” Quase não há mais vento, porém as folhas continuam a farfalhar cada vez mais. “Sim, é claro, foi isso”, complementa o ruivo. “Se não fosse a ganância dele, não teríamos feito aqueles disparos e as pessoas que morreram ainda estariam por aí.” “Quem sabe”, diz o loiro, dando os ombros. Com um movimento rápido, o negro observa o ruivo a suas costas, à direita. Sua arma repousa no coldre e a mão, no joelho. Lentamente, larga a coronha e desloca a mão em direção à camisa. “Você se lembra da saída da cidade?”, pergunta o ruivo. “Com certeza. Estávamos quase saindo do lugar. Tínhamos perdido três homens. Os cavalos corriam a toda velocidade. Pensei que não teríamos mais problemas. Foi então que alguém saiu atirando. Uma das balas furou a aba do meu chapéu. Não pensei duas vezes. Peguei o revólver e revidei. Acertei uma moça entre os olhos. Ela caiu enquanto eu continuava atirando. No homem que atirava, acertei na perna. Acho que pegou no osso, porque o grito dele foi terrível. Não deve ter sobrevivido.” O farfalhar continua e o ruivo desliza a mão em direção ao coldre, não notando que o negro se inclina para a direção do loiro. Seus dedos estão prestes a tocar a arma quando o loiro percebe o movimento do ruivo rumo ao revólver. Incerto, ele saca a arma junto com os dois e todos disparam.

Bang.

JEFFERSON FIGUEIREDO é graduado em Letras pela UFRGS, é coeditor do *Homo Literatus*, participante do podcast 30:MIN e idealizador da revista literária *Pulp Fiction*.



O COIOTE METÁLICO

Por José Roberto Vieira

Cidade de Orada, Kaz Hirai - 11 da manhã.

O som desta cena é o sombrio dedilhar de um violão invisível.

A cor desta cena é amarela.

Era uma tarde quente e árida, dando a impressão que o sol tinha algo pessoal contra os dois cavaleiros que se aproximavam da estalagem. O mais alto deles usava preto da cabeça aos pés, o outro misturava um monte de cores bisonhas que pouco conversavam entre si. Quem visse de longe pensaria tratar-se de uma dupla de trapaceiros, mas olhos atentos perceberiam a calma no andar, o jeito desleixado e fingido de quem interpreta um papel, os olhos atentos ao menor movimento e os ouvidos captando cada ruído da estrada.

Um idiota tentaria assaltá-los; um esperto desapareceria de seu caminho. Só que a maioria da população nascida e crescida próxima à Velha Roldana, onde se fabricavam aeronavios para o exército, não era dotada de muita esperteza, muito menos inteligência.

— Vai chover hoje — o homem de preto murmurou.

— Já está chovendo longe daqui — o espalhafatoso respondeu — Dá pra sentir o cheiro de grama molhada em algum canto a oeste.

— Verdade — o de preto continuou, a calma transparente irritaria outras pessoas, mas não seu parceiro. — Qual foi a última vez que comemos, Leone?

— Dois dias, deveríamos estar famintos — Leone respondeu desinteressado, as orelhas captaram o trotar de cavalos vindo da estrada atrás deles, por um instante levou a mão esquerda ao revolver que trazia consigo, mas afastou-o quando os passos ficaram mais intensos e vinte ferd, cavalos mecanizados, passaram por eles. — O que acha, Corbucci?

— Damos conta — Corbucci respondeu. Ele queria falar mais, se expressar melhor, entender o sentido das palavras e de como as pessoas as usavam para representar as coisas do mundo. Tudo o que conseguia era encaixá-las para soarem coesas ou firmes. Aprender era uma

dificuldade que o irritava, e estar irritado dava-lhe vontade de matar. — Eu dou conta.

— Nada disso — Leone escancarou a boca e mostrou os dentes, um movimento artificial que chamava de sorriso. Na verdade ele vira este movimento no rosto do homem que matara ao roubar o cavalo onde estava montado agora. Chamara aquilo de sorriso por que era a única palavra que conhecia na época. Se fosse hoje em dia, chamaria de escárnio.

Os verbos, sempre os malditos verbos, este era o problema-mor para Corbucci: os verbos não faziam sentido por que não se aplicavam a *coisas*, mas a *ações*. Só que na mente limitada de Corbucci fazer uma ação era fazer alguma coisa. Ele bufou, sacou o revólver e atirou no último homem da fileira, que acabara de passar por eles.

A cabeça do homem deu um solavanco para o lado esquerdo, o corpo desequilibrou, ele bateu no homem quase emparelhado na fileira, Leone aproveitou a confusão e atirou também. Os dois ferd, sem cavaleiros, empinaram e chutaram outro dos sujeitos.

— Esse aí deve ser o bando do Feioso! — Leone gritou, atirou em mais um dos cavaleiros. — A gente come ou pega a recompensa?

— Faz dois dias que não comemos — Corbucci retrucou, sacou o segundo revólver e continuou atacando. — Dois. Dias.

O bando se recuperou do choque, os primeiros homens deram a volta na dupla e atiraram, ouviram o som de metal contra metal, estranharam e acharam que tinham acertado os cavalos. Repetiram o ataque, alguns miraram com tanta precisão que se tornaram alvos fáceis para os dois pistoleiros.

Corbucci se permitiu ser acertado no rosto. Duas balas atingiram suas bochechas e ele tentou rir perante o olhar espantado dos cavaleiros, isso deve ter deixado sua aparência muito mais perturbadora, por que eles afinaram a voz momentos antes de morrerem alvejados. Corbucci gargalhava, a voz soando como uma lixa, a pele do rosto e dos braços caindo junto com filetes de sangue, placas de metal se revelando ao invés de ossos.

Leone rodou também, aproveitou o pavor do bando do Feioso e saltou de seu cavalo, levando um dos inimigos ao chão. O sujeito se mijou pouco antes de ter a garganta dilacerada por dentes laminados.

Os outros debandaram, dos vinte, quinze tinham morrido da forma mais cruel possível. Gargantas abertas, veias arrebitadas, carne dilacerada por lâminas. Os dois caminhavam devagar por entre as vítimas, quando uma delas erguia a mão em um pedido desesperado de ajuda, ambos a arrancavam e comiam.

Para cada pedaço de carne devorada, um ferimento em seus corpos se fechava. Quando terminaram, havia apenas cavalos quebrados e ossos partidos.

— Vamos entrar na cidade? — Leone tentava tirar um pedaço de carne que ficara entre os dentes — Odeio quando isso acontece, gente é pior que frango.

— Usa a língua — Corbucci sugeriu — Vamos embora, não estou mais com fome.

Os atravessaram a cidade, onde janelas se fechavam, mães corriam com seus filhos e até os vagabundos arranjavam um jeito de se esconder.

Orada – Cinco dias depois.

O som é de um grande tambor que ressoa de vez em quando.

Esta cena é de um azul escuro profundo.

Quando Elam chegou na cidade os cavalos estavam no mesmo lugar, mas os ossos não. Ela pôde ver, à distância, quatro homens depositando sacos pretos em uma cova rasa e fazendo símbolos de proteção em frente à testa. Ela deu a volta com seu ferd de bronze e aguardou próxima ao templo local, onde o símbolo da Árvore da Vida já estava desgastado e arranhado pelas constantes tempestades de areia.

A Árvore da Vida era o principal símbolo do Quinto Império, a coalizão mais poderosa do continente de Nordara e que dominava, praticamente, todos os reinos centrais. Velha Roldana ficava localizada em Kaz Hirai, um reino pequeno, controlado por Harpyas, seres metade pássaro e metade humano, que viviam nos picos das montanhas. O contato entre elas e os humanos era raro, mas sabia-se que seus soldados eram intensos e fervorosos. Para eles a Árvore era onde seu messias nasceria e os levaria à conquista do mundo.

Ela viu o mais rechonchudo dos homens se aproximar, fez uma leve reverência com a cabeça quando ele fez menção de abrir a porta do templo e falou.

— Quantos eram?

— Quinze, mas o último ainda estava vivo quando o tiramos da estrada — o homem respondeu — Comeram as mãos dele e usaram os ossos para palitar os dentes.

— Um homem de preto, riso louco... O amigo tem péssimo gosto para roupas — ela meio que respondeu perguntando.

— Eles mesmos... — silêncio filho do medo, o rechonchudo fez que ia correr, mas elam o tranquilizou com um sorriso.

— Eu os procuro há dias — ela abriu o colete, revelando a estrela de ouro dos caçadores de recompensas — Para que lado eles foram?

— Oeste, estes desgraçados sempre vão para o Oeste — o gorducho cuspiu no chão. — Qual a história deles? Pacto com Titãs? Almas que voltaram dos mortos?

— Nenhum dos dois — Elam respondeu.

Os Titãs eram criaturas antigas que, tempos atrás, tinham dominado Nordara e escravizado os mortais. Derrotados pelo messias humano, Shoah, estavam aprisionados em obeliscos espalhados pelo Quinto Império. De vez em quando um louco conseguia fazer contato com eles e trocar sua liberdade individual por poder; outras vezes uma dessas criaturas escapava e formava um séquito de adoradores que os protegiam.

Leone e Corbucci se encaixavam em outra escala de homicidas.

— Você tem dois minutos para falar de máquinas? — Elam apontou para o saloon, onde um piano alegre e irritante tocava a mesma música

há quase uma hora.

— Pode explicara aqui mesmo — o gorducho pareceu nervoso, começou a olhar para os lados, esfregar as mãos uma na outra. Ela conhecia o tipo, já sabia o que estava acontecendo: os perseguidos tinham desistido de fugir, estavam dentro do saloon aguardando os últimos moradores da cidade. Devorariam cada um antes do próximo dia raiar e usaram a família de alguns deles como reféns. Se Elam tivesse partido sem perceber, eles a teriam na frente e poderiam emboscá-la.

— Tem certeza? — ela continuou sorrindo — A história é boa, fala de três irmãos que querendo ser gente, mas que acabaram se tornando monstros.

— Eles vão matar minha esposa — o gorducho choramingou.

— Ela já está morta e você também. — Elam apoiou a mão no ombro dele — Escuta a droga da história, *pachuco*, ela é boa demais.

O Covil dos Coiotes Da Noite - Um ano atrás.

O som é um suave solo de violino.

A cor dessa cena é cinza como as lembranças.

A fábrica recebia o nome de Covil por que era lá que o bando se escondia após um crime.

Elam, Leone e Corbucci comandavam trinta pistoleiros das mais variadas etnias e roubavam o que desejavam, inclusive uns aos outros. A fábrica pertencera a algum rico do norte que não se importava mais com ela, muito menos com o que seus funcionários faziam ali depois de sua falência. Era uma fábrica velha, suja, poluída por mentiras, trapagens, engodos e frustrações. O que sobrara nela era uma única máquina que nenhum deles sabia para que servia, mas tinham a vaga ideia de que poderia ajudá-los.

— E se a gente vender as peças? — a sugestão veio de Elam, como sempre vinham. — Não gosto dessa monstruosidade me observando cagar.

O maquinário lembrava um rosto, a fornalha era uma bocarra assustadora e ligava sozinha a cada três dias em um ronco escandaloso. Da primeira vez que fez isso eles atiraram, nas outras esperavam os novatos se mijarem e riam de sua covardia. Por algum motivo idiota, os montadores a colocaram virada para o banheiro.

— Quem vai comprar esse bicho feio? — Leone resmungou — E como a gente anuncia um troço desses por aí?

— A gente podia usar para ver no que dá — Corbucci nunca fora muito esperto, mas aquela ideia tinha ultrapassado todas as imbecilidades que falara nos últimos três anos. Se Elam soubesse onde o experimento a levaria tinha atirado em cada um dos imprestáveis de seu bando ali mesmo. Só que, ao invés disso, ela propôs.

— Eu vou testar, se for uma porcaria, a gente explode essa fábrica com ela dentro e arranja outro covil para os Coiotes da Noite.

— Certo — Leone e Corbucci responderam em uníssono. Para eles teria sido muito melhor se ela morresse, deixando a liderança do bando

para seus cérebros limitados e masculinidade exacerbada.

Só que não foi isso que aconteceu. Infelizmente.

A lateral esquerda da máquina era uma cápsula metálica onde, meses antes, eles tinham visto um homem entrar. Nenhum deles teve permissão para assistir ao experimento, mas os boatos diziam que tinha sido “um grande sucesso”. Apostando neste comentário aleatório, Elam entrou na mesma cápsula e aguardou Leone ligá-la.

A primeira onda de calor arrancou a pele de seu corpo, a segunda a fez desmaiar. O grupo achou que a garota estava morta, mas ela acordou de supetão e gritou com toda a força de seus pulmões. A terceira onda era um líquido borbulhante, prateado e denso, que escorreu pelas laterais da cápsula de vidro até preenchê-la por completo. Elam se afogava em frente aos comparsas, que pensaram em atirar, mas decidiram assisti-la morrer.

Sem esperanças, a garota se entregou e afundou no líquido, jurando-os de morte.

Barulhos, engrenagens, giros, chacoalhões, fios de eletricidade. O maquinário trabalhou por duas horas diretamente, exalando fumaça, vapor, cheiros de carne, metal, sangue e cabelo queimado. Quando terminou a cápsula abriu sozinha e o que saiu lá de dentro não era a mulher que entrara.

A figura possuía os traços rechonchudos de Elam, a cabeleira armada, os seios volumosos, o quadril largo, mas era coberta por uma camada metálica que reluzia ao sol poente. Dois dos bandidos atiraram por medo, a mulher de bronze avançou e arrancou armas e mãos em um movimento selvagem. Eles gritaram de dor, ela comeu a carne de seus peitos.

Quando terminou de mastigar, pele havia nascido em uma de suas ancas. Ela não podia sorrir por que a carne do rosto derreteria, mas, se fosse humana, estaria sorrindo de alegria. Elam continuou devorando os dois atiradores, depois partiu para cima do bando, deixando apenas Leone e Corbucci vivos.

— O Bando do Coiote da Noite está morto — ela decretou, a voz igual a uma pá raspando em concreto — Somos o Bando do Coiote Metálico.

Como era de se esperar, os dois fugiram. Elam amaldiçoava-se por não ter destruído a fábrica e ter saído dali também. Dias depois os idiotas voltaram, se transformaram e criaram a “Dupla dos Coiotes Metálicos”.

De volta a Orados – Presente.

O som é de uma guitarra pesada e feroz.

Essa cena é de um branco que fere os olhos.

— Veja bem, não quero matá-los por vingança ou para salvar a sua esposa — Elam terminou a explicação jogando a estrela dourada longe.

— Na verdade, nem sou uma caçadora de verdade, eu comi o dono deste cacareco e fiquei com ela para ganhar a confiança de gatinha como você.

— O que você quer, então? — o gorducho estava de joelhos, sua forma patética querendo chorar, mas nem para isso ele tinha dignidade.

— A porcaria do nome! — Elam berrou — Eu inventei o nome dos coiotes! Eu falei as duas vezes, primeiro Coiotes da Noite, depois Coiotes Metálicos. Por mim esses idiotas podem comer Nordara inteira, mas quero que eles parem de usar o MEU nome para isso!

Um tiro veio do saloon, Elam correu em direção à porta, gritando de raiva.

— Esta cidade é pequena demais para tantos imbecis, saiam daí agora!

Só podia ser instinto ou o hábito de obedecer. Leone saiu primeiro, o chapéu nas mãos, um braço feminino na boca; Corbucci veio em seguida, uma perna feminina nas mãos, tentava sorrir.

— Pelos deuses, seus desgraçados, vocês vão comer tudo que virem pela frente? — Elam esbofeteou Leone, depois Corbucci. — Onde conseguiram essas roupas?

— Não precisamos mais te obedecer, somos fortes agora — rápido, Corbucci a agarrou pelo colarinho e jogou contra a parede do saloon. Elam tentou se erguer, mas Leone encostrou o revólver em sua têmpora e atirou.

— Chega de ordens, sua vaca — ele assoprou o cano da arma, que fumegava.

Elam bateu o rosto contra o chão. Eles não podiam ser tão burros de pensar que um chute e um tiro iam detê-la.

Eles eram.

Centro de Orados.

O som é de duas teclas agudas de piano que se alternam tristemente.

A cena é negra.

Corbucci andou de volta para o saloon jogando a perna de mulher fora e mordiscando braços masculinos, Leone em seu encalço mastigando a barriga. O gorducho gritara por ajuda quando os dois se aproximaram e pôde ver que Elam estava fingindo, mas a desgraçada era pior que seus inimigos: ela o deixara morrer para que não percebessem sua finta.

Quando Leone colocou a mão na parede do saloon um cavalo mecanóide voou em sua direção. Ele rolou para dentro, sentiu os punhos da garota esmagando sua têmpora no lugar exato em que atirara nela.

— Não. É. Vingança. — ela soletrou a cada pancada — É. Meu. Nome. Praga.

As placas metálicas que faziam a cabeça de Leone se abrirem, Elam enfiou a mão dentro delas e puxou o cérebro dele com os dedos, arrancando fios, gosma e sujeira no processo. Ela se levantou, agarrou o corpo pelos pés e o usou de porrete contra Corbucci, que avançava para jogá-la ao chão.

Corbucci voou para o meio dos cavalos, que estavam amarrados em frente a um tanque de óleo. Os animais relincharam, Elam esmurrou a lateral de um deles, liberando faíscas e uma pequena chama.

— Prate derrete bem no calor — ela saltou para trás, o peso do corpo de Leone impediu que Corbucci se afastasse também. Ele tentou

empurrar, mas o ferd tombou de lado e prendeu seu pé ao chão.

As faíscas laterais do cavalo atingiram o tanque de óleo. Corbucci gesticulou um pedido de ajuda, Elam negou.

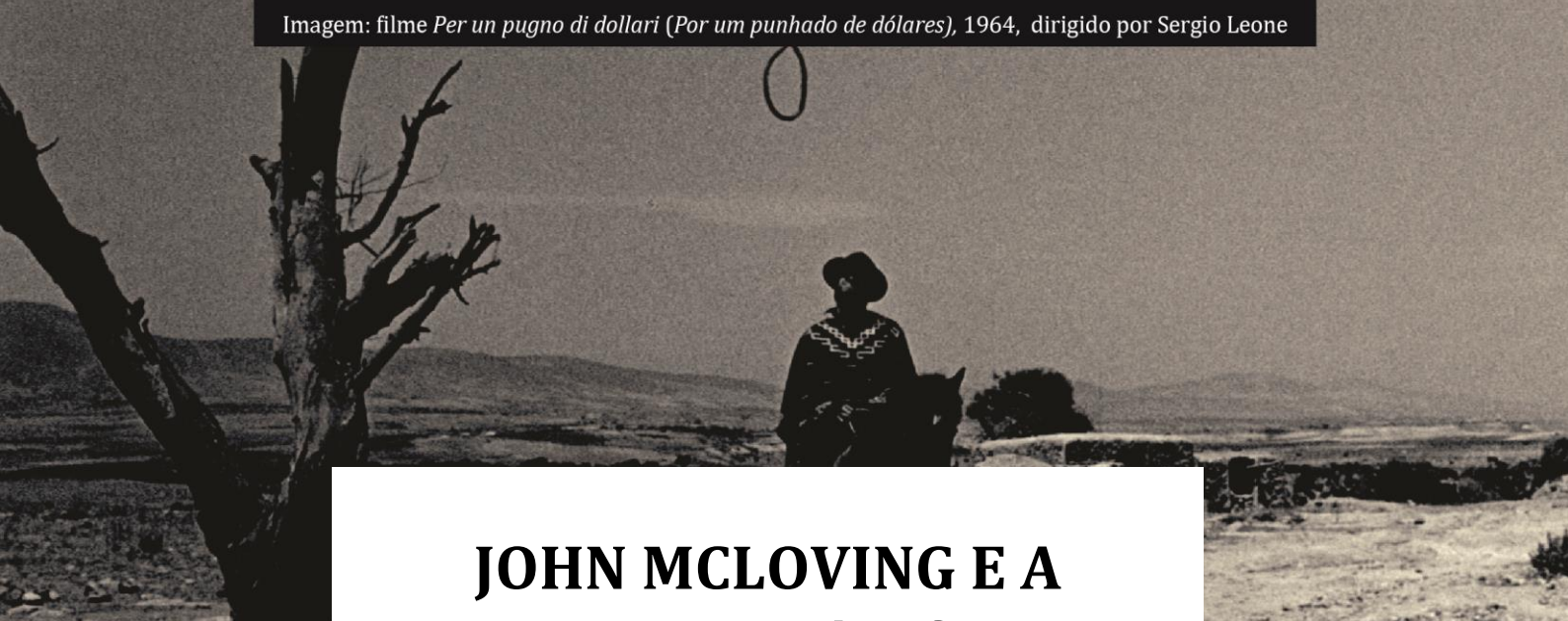
— Isso é pelo nome, *pachuco* — o fogo subiu, atingiu as engrenagens internas de Corbucci, queimou as veias humanas que restavam, sobrecarregaram seu sistema interno e ele começou a gargalhar. Era o riso humano, gutural, maquinado que ele dava quando atirava em alguém nos assaltos; também era o riso que ele sempre quisera dar depois da transformação. No fim das contas, os risos se mesclavam e formavam um terceiro riso: aquele das máquinas que serão desativadas, mas com a certeza de terem cumprido sua função.

Logo Elam estava sozinha novamente.

Por algum motivo, não conseguia deixar de imaginar a máquina viva, pulsante, alimentada por sua carne e de outros, produzindo irmãos metálicos durante um ano inteiro.

Era hora de voltar para o Covil, haveria um bando a treinar.

JOSÉ ROBERTO VIEIRA é escritor, criança índigo e mago. Todas as teorias a seu respeito são verdadeiras, inclusive aquela que diz que escreveu "O Baronato de Shoah".



JOHN MCLOVING E A VENDETA DO VENTRÍLOQUO CARECA

Por Mickael Menegheti

John McLoving era o assaltante de diligências mais procurado nos dez estados que integravam os Estados Unidos do Brasil. Deitado sobre uma rocha imensa observava através da mira do rifle Winchester 44 o descampado a sua frente. A diligência semanal passaria a qualquer momento com valores consideráveis.

Jeff Quebra-Rocha ofereceu a John um pedaço de fumo de mascar. Tinha os dentes preteados com o pedaço que ruminava vezes sem fim. John aceitou sem tirar os olhos da paisagem. Jeff usou o dorso da mão para coçar a narina incômoda. Depois tirou o chapéu e com a mesma mão limpou o suor da testa. O dia estava muito quente.

- Cê acha mesmo? – questionou Jeff, impaciente.
- O quê?
- Que vão passar aqui.
- Vão – John respondeu, mascarando o fumo.

A cabeça de McLoving estava a prêmio. O governo estava disposto a pagar dez mil dólares-brasis àquele que o trouxesse vivo ou morto. Caso o herói de tamanha façanha também trouxesse Jeff Quebra-Rocha, receberia metade do estado de Santa Catherina em terras. Desde que os britânicos assumiram o Brasil estiveram empenhados a não cometer os mesmos erros da colonização norte-americana. Para a coroa inglesa, McLoving precisava sapatear pendurado em uma forca o quanto antes. Mas o descendente de irlandeses era ardiloso, escapando entre os dedos dos xerifes à sua procura.

A penugem avermelhada de John contrastava com o brutamontes Jeff. O Quebra-Rocha, como era conhecido, tinha quase dois metros de altura com cento e vinte quilos recheados de músculos. Ganhou o apelido por quebrar um pedaço de cascalho na testa. Seus cabelos e barba eram

uma coisa só, aos moldes dos homens das cavernas. John McLoving era mais modesto em seu metro e setenta, muito mirrado comparado à fama que o descrevia. Além da Winchester 44 carregava no coldre da cintura um revólver Schofield, a arma mais rápida do velho sudeste. Jeff tinha o mesmo revólver e também uma espingarda calibre doze de cano-duplo, onde um único disparo era capaz de arrancar metade da cabeça de um adulto.

O fumo trazia ardor a boca, era pastoso e molhado, aliviando pouco o calor que maltratava os bichos vivos. Ondas de mormaço subiam da terra causando distorção na paisagem, como se ela serpenteasse em uma dança rítmica.

– Diacho, tem certeza?

John McLoving não respondeu. Mascou seu fumo enquanto olhava através da mira da Winchester 44. O calor continuou a maltratá-los, assim como seus cavalos, que pastavam grama ressecada não muito longe dali. Após minutos de silêncio ao som de uma brisa morna, Jeff retomou o diálogo.

– John, é verdade?

– O quê?

– A história do ventríloquo.

– É.

– Mesmo?

– Mesmo.

– Conta direito então. Clementina me contou, mas não entendi a sequência dos *acontecidos*.

McLoving suspirou enquanto mastigava. Ficou alguns instantes em silêncio na busca das palavras na ordem correta da narrativa. O calor parecia atrapalhar as ideias. Na mira da Winchester 44 nenhum sinal da diligência aparecer. Sem se levantar da rocha, começou a narrar.

– Butch, conhece?

– Já ouvi falar. Que que tem?

– Ele é conhecido como o Açougueiro por ser um caçador de recompensas que estraçalha suas vítimas. Ele também tem fama de atirar pelas costas. Certa vez o governador-geral o contratou para caçar um pistoleiro foragido. Receberia mil dólares-brasis se o trouxesse vivo ou morto.

– Mil? Tudo isso?

– Tudo isso.

– Diacho... Bem, continue.

– Com mais alguns capangas, saiu a caça. Seguiu os rastros do pistoleiro por este extenso país, desde Big River of the South até General Mines. O encontrou perto de Little Black River e fez tocaia. Não atacou prontamente. Esperou o pistoleiro levantar acampamento e seguir para a próxima cidade. No trajeto, o alcançou e atirou pelas costas, derrubou-o do cavalo. O ferimento próximo a coluna foi sério. Seus capangas colocaram o pistoleiro ainda em agonia em uma carroça e o levaram para entregá-lo ao governador. Tinham prazer em vê-lo sofrer, por isso ninguém retirou a bala das costas do sujeito. Butch faria seu açougue humano assim que passasse por uma cidade. Ele gostava de picar suas

vítimas em praça pública para que a plateia, assustada, espalhasse sua fama. A estratégia deu certo, pois ele é conhecido em todos os Estados Unidos do Brasil.

– Transportou o pistoleiro – McLoving continuou – febril devido à perda de sangue. Butch amolava suas peixeiras na frente da vítima para assustá-la ainda mais. O coitado estava nu, pois Butch queria humilhá-lo de todas as maneiras. Ele gostava de fazer. Foi sobre uma ponte que o inesperado, então, aconteceu. Cruzando um rio largo e profundo, muitos metros abaixo da ponte de madeira, o pistoleiro ferido rolou para o lado da carroça e pulou. Os capangas e o próprio Açougueiro sacaram suas armas e abriram fogo contra o sujeito em queda livre. Caiu na correnteza violenta e não foi mais visto. Seus perseguidores só pararam de atirar quando a munição acabou. Desceram muitos quilômetros pela margem para procurar o corpo enquanto Butch aguardou na ponte. Nada encontraram e retornaram ao chefe furioso. Quando informaram o fracasso, Butch ficou ainda mais irritado e com as peixeiras acertou um de seus capangas e só parou quando o cadáver ficou irreconhecível. Ofegante, anunciou aos homens apavorados que levaria o corpo estendido à sua frente ao governador para receber a recompensa. Mandou vestir o defunto com as roupas do pistoleiro e seguiram viagem.

“Muitos dias depois chegaram a capital e jogaram a carcaça já cheia de moscas na frente da câmara municipal. O governador-geral foi chamado, tentou comparar o rosto do sujeito com o desenho do cartaz de “procurado”. Estava irreconhecível. Confiou na fama de Butch e entregou os mil dólares-brasis. Ele e seus homens fizeram a festa. Por onde passaram gastaram com bebidas e raparigas, além de espalharem a fama do acontecimento. Retornaram ao esconderijo da gangue e no saloon da cidade continuaram a gastar com prazeres. Um, dois, três meses se passaram e eles viviam bêbados. Jagunços de todo país souberam da recompensa recebida por Butch e foram ao seu encontro, queriam fazer parte de sua gangue, queriam a vida de bebedeira e prostitutas pra si também. Seu bando aumentou em número, passaram a ser mais de trinta *cabrones*”.

“Certo dia chegou ao vilarejo-esconderijo uma diligência típica de circo. Era toda enfeitada e as laterais anunciavam “o ventríloquo careca”. Butch foi informado e mandou buscar imediatamente o artista. Queria entretenimento diferente, já estava entediado de bebidas e mulheres. O ventríloquo atendeu prontamente a solicitação e montou no centro do saloon um palco pequeno. O recinto era grande, com dois pavimentos – o piso e o mezanino. Estava lotado com capangas e raparigas. O artista ajeitou uma cadeira e dispôs os baús com seus bonecos para começar o show. Retirou o primeiro, também careca e o botou no colo. Era envernizado, tinha um pequeno orifício oval no meio da cabeça e suas roupas eram parecidas com as do seu dono. Mexeu a cabeça e a boca retangular algumas vezes. Logo a plateia ouviu-o falar. Era uma voz fina, engraçada. Em nada se parecia com a do sujeito que o segurava no colo. Começaram a dialogar falando sobre a feiura dos homens presentes no saloon. Um coro de risadas deu o início ao espetáculo. Muitos capangas espremeram os olhos para saber como o ventríloquo dava vida ao seu

boneco de modo tão genuíno. Tentaram vê-lo falar pelo boneco, mas a garganta e boca simplesmente não se mexiam. Aplaudiram ainda mais o artista. Era dos bons. E era engraçado. Logo o boneco começou a cortejar as raparigas, para o constrangimento do ventríloquo. A todo momento o artista pedia desculpas pelas atitudes do boneco de verniz. O pequeno de boca retangular disparava palavrões ora ou outra para o deleite dos presentes. Butch se divertia, incentivava o boneco a desobedecer seu mestre colocando-o em situações avessas. Após alguns minutos de diálogos, palavrões e desobediência um novo boneco foi convidado ao show. O ventríloquo o colocou na outra perna. Este, na verdade, era uma mulher, dançarina de cabaré. Começou a cantar com sua voz estridente, para o embaraço do ventríloquo e alegria da plateia. Até o boneco careca ficou sem graça com a desafinação da colega de verniz. Depois de cantar algumas paródias ela foi convidada a retornar ao seu baú e um terceiro boneco tomou seu lugar. Este era cópia do cangaceiro Lampião. Ele foi recebido com aplausos. Como você sabe não faz muito tempo que o verdadeiro Lampião derrotou os ingleses e declarou a independência do Nordeste”.

– Sei, lembro bem – respondeu Jeff Quebra-Rocha, imerso na história. Ainda a procura da diligência semanal, John McLoving continuou.

– Com o sotaque pernambucano, o boneco mostrou que era cabra macho e quem duvidasse seria desafiado para um duelo. Na brincadeira, alguns capangas situados no mezanino duvidaram e Lampião chamou um deles para o duelo. O ventríloquo guardou o boneco careca, pegou um revólver de madeira no baú e jogou para o desafiado no andar superior. Colocou outro revólver de madeira no coldre de Lampião e aguardou o sujeito se aprontar. Em meio a muitas risadas o capanga substituiu sua arma real pela de madeira no coldre e permaneceu com a mão próxima. Os dedos do ventríloquo e do capanga dançavam vagarosamente perto da coronha de seus respectivos revólveres. Butch, gostando do espetáculo gritou “*agora!*” e ambos sacaram. O capanga imitou o som dos disparos com a boca e o boneco de Lampião caiu morto, com a mãozinha de madeira no peito, sobre o colo do ventríloquo. Houve uma mistura de aprovação e vaias. O ventríloquo se desculpou com a plateia, afirmou não saber o que havia ocorrido. Lampião não reergueu-se do colo de seu dono, estava definitivamente morto. O ventríloquo encorajou a plateia a parabenizar o capanga, uma vez ter sido ele o mais rápido no duelo. Uma salva de palmas cortou o saloon. O homem agradeceu curvando-se como um verdadeiro artista em sinal de respeito”.

“O ventríloquo procurou em seu baú outro boneco, um quebra-nozes. Não era grande, sua altura dava no tornozelo. Girou uma chave nas costas do boneco de chumbo para par corda. Após girar o bastante, colocou o soldadinho no piso para caminhar, ou melhor, marchar de modo rítmico. Tinha como direção à mesa de Butch. Enquanto o quebra-nozes avançava lentamente, o ventríloquo pegou mais um boneco, este com roupas de padre, e pediu para alguém entregá-lo ao vencedor do duelo. O boneco foi levado até o mezanino em que o sujeito estava. Ele enfiou a mão e tentou mexer a boca e a cabeça tal como o profissional

fazia. O ventríloquo disse ao homem para acender um cigarro de palha e colocar na boca do boneco. O capanga pediu, ávido, aos companheiros ao seu lado. Estava adorando a brincadeira. Um deles, enfim, entregou o cigarro aceso. O ventríloquo indicou o local a ser colocado e aguardou. O homem fez o que foi pedido e começou a improvisar o diálogo”.

“Butch notou que Lampião tinha um orifício oval na cabeça, pois quando foi morto no duelo seu chapéu caiu. O Açougueiro perguntou ao ventríloquo para que servia aquele buraco. Antes do artista responder houve uma grande explosão no mezanino. O padre de verniz explodiu levando consigo o capanga que o manuseava e todos a sua volta. A surpresa e o terror foram instantâneos. Ninguém sabia o que havia acontecido. Os ouvidos zuniam e o único som no ambiente era do soldadinho de chumbo em sua caminhada”.

“O ventríloquo, imitando a voz do cangaceiro em sua mão, disse: “Lampião nunca morre”. E pelo orifício na cabeça do boneco voou o primeiro disparo do revólver escondido. Em seguida outro, e outro, mais outro. Três capangas já tinham despencado sem vida quando Butch se deu conta do que acontecia. O ventríloquo pegou o primeiro boneco, que também tinha um furo na cabeça e começou a disparar. A surpresa era tamanha que o ventríloquo descarregou os dois tambores dos revólveres antes de seus oponentes sacarem suas armas. Doze capangas jaziam mortos no saloon. O artista livrou-se dos bonecos e saltou para trás do palco. Agarrou um rifle de repetição e deu sequência à matança. As raparigas começaram a fugir aos berros. Aqueles que conseguiram sacar seus revólveres não alcançaram o falso artista, protegido atrás de seu palco-trincheira. Butch passou de espantado à furioso. Virou a mesa a sua frente para proteger-se dos projéteis em sua direção. A madeira salpicou enquanto ele sacava seu revólver”.

Jeff Quebra-Rocha estava de queixo caído. John McLoving, no entanto permanecia atento à estrada. Continuou.

– A munição do rifle de repetição logo acabou e o ventríloquo esticou o braço para agarrar uma cano-duplo semelhante a sua, Jeff. Mais dois capangas despencaram com flores de carne e sangue abertas em seus tórax. A confusão no saloon diminuía, as últimas raparigas deixaram o local. A fumaça da explosão sumiu aos poucos e o cenário real pode ser visto. Ao todo havia vinte e seis mortos. Ainda restavam seis homens e além de Butch para o ventríloquo lidar. Recarregou a cano-duplo, pegou o boneco cantora de cabaré, acendeu o pavio escondido em sua peruca e jogou na direção do Açougueiro. O caçador de recompensas demorou alguns segundos para entender o motivo do boneco ter fumaça em seus cabelos. Houve então a segunda explosão de dinamite. Estilhaços de madeira e garrafas espalharam-se pelo recinto. Mais três capangas morreram enquanto o ventríloquo se protegia em seu palco-trincheira. Ouviu tosses e gemidos. Levantou-se e com mais dois tiros acertou seus alvos. Ainda restava um homem e Butch. O falso artista saltou do palco e correu na direção dos gemidos. Com a faca que trazia no coturno atravessou o crânio do último capanga. Ouviu disparos zunir centímetros de sua cabeça. Butch descarregava o tambor do revólver. O ventríloquo se protegeu e esperou o caçador de recompensas recarregar. Correu de

mesa em mesa, usando-as como escudo. O Açougueiro não conseguia alvejá-lo, apenas salpicar as mesas. Precisou recarregar novamente, e nesse instante o quebra-nozes chegou, quase sem corda suficiente para continuar. Trazia nas mãos um objeto prateado. Quando perdeu todas as forças o soldadinho deixou cair o objeto. Butch pegou com a ponta dos dedos e levou até próximo dos olhos. Era um projétil de munição já disparada. Estava amassada e com resquícios de pólvora queimada e sangue ressecado. Quando Butch percebeu o que de fato ocorria o ventríloquo já estava em cima dele. Começaram o combate corpo a corpo. Butch arrancou da cintura suas peixeiras enquanto seu oponente tinha uma faca de caça. Os golpes e movimentos dos dois eram semelhantes a dança dos facões, conhece essa dança?

– Não – Jeff respondeu, com a mão sobre a boca. – Como é?

– É uma dança... com golpes de facões.

– Sabia não. Continue!

– Trocaram golpes e mais golpes. O ventríloquo precisava acabar logo com aquilo, pois em breve o saloon estaria cercado por outros capangas dispersos. Em decorrência dos movimentos da luta, Butch percebeu uma bola de sangue vermelha brotar do meio das costas do falso artista.

– Não acredito! Era o...

– Sim. Estava diferente, careca e sem barba. Tinha sido carregado pelas águas e encontrado por uma freira que lavava sua batina rio abaixo. Ela o levou até o convento escondida das demais irmãs e cuidou do ferimento. Depois de quase três meses o pistoleiro recuperou a saúde, agradeceu a cristã e partiu em busca de vingança.

Jeff Quebra-Rocha notou algo se aproximar na estrada. McLoving confirmou ser a diligência esperada.

– E como acaba? – questionou o Quebra-Rocha, com receio de não ouvir o fim da história.

– O pistoleiro consegue arrancar as peixeiras das mãos de Butch e as enfia, inteiras, no fundilho dele.

– Sério? Não foi o que Clementina contou.

– Cada um conta de um jeito – John McLoving respondeu ao mesmo tempo que uma nuvem de poeira subia longe na estrada. – Prepare-se homem, a diligência vem aí.

Deixaram a rocha imensa e correram até seus cavalos, escondidos atrás de arbustos. Checaram a munição dos revólveres e subiram nos animais. Antes de partirem para o assalto, Jeff Quebra-Rocha franziu a testa e olhou para o companheiro, desconfiado.

– Espera aí. Como você sabe de tudo isso?

John o encarou, sério. Pensava em algo. Após alguns instantes em silêncio enfiou a mão em um dos alforjes em seu cavalo e retirou de lá um boneco de pano. O boneco respondeu.

– Não faço a mínima ideia.

E John McLoving, o assaltante de diligências mais procurado dos Estados Unidos do Brasil, esporou o cavalo enquanto engatilhava sua Winchester 44.

MICKAEL MENEGHETI é psicólogo, casado e amante da literatura. Leitor fiel de ficção científica é autor dos contos: Brasil – terra amaldiçoada e 15 minutos que calaram o mundo publicados pela Editora Draco. É fã de Tolkien, Arthur C. Clarke, Carl Sagan, Aldous Huxley, Neil Gaiman e Luís da Câmara Cascudo. Também escreveu os contos: Os últimos passos de um homem e As desventuras quase inéditas de Azaroman, ambos disponíveis na Amazon.com.



O FORASTEIRO SEM NOME

Por Murilo Reis

Num local pequeno e isolado como Pedra Vermelha, o tédio funciona como combustível que se acumula a longo prazo, galão cheio de gasolina pronto para ser incendiado.

Havia apenas um *saloon* na cidade, que também era restaurante e hotel. Comida rançosa, colchões esburacados. A força policial era composta apenas pelo xerife e seu assistente. Quem definia a lei eram homens educados na ponta do sabre. O único sentimento que conheciam era um ódio viscoso, substância que faz parte duma fumegante crueldade.

Numa tarde de quentura pantanosa, João Boca de Onça estava encostado no balcão do bar, bebendo cerveja e se gabando de seu currículo criminal para Jurandir, dono do estabelecimento que ouvia tudo com muito interesse.

“Em trinta anos de profissão, já matei tudo que anda ou rasteja. Quem entrou na minha reta foi pra debaixo da terra ou pro bico dos urubus”.

Jurandir nada falava. Gostava de ouvir histórias. Apenas meneava a cabeça em sinal de entendimento. Seus olhos baços observavam a enorme boca de João. Dentro dela, dentes manchados de fumo, quebrados, apodrecidos.

Havia mais uma pessoa no boteco. Um forasteiro com roupas velhas e poeirentas, pele muito bronzada, sandálias de couro, pés cascudos, chapéu roto de aba larga, tapa olho na vista esquerda, bigodão preto. Numa mesa do canto oposto, devorava com ruídos pastosos um prato de guisado.

Jurandir serviu outra caneca de cerveja. João deu cinco sonoras goladas. Limpou a boca com as costas da mão.

“Como prêmio de guerra, tirei a honra de muita moça. Matava pai, irmão e marido e comemorava no meio das pernas da mãe e da filha. Gritavam muito, não sei se por medo do meu cacete enorme ou pela morte dos seus homens. Dava uns murros nos cornos pra elas sossegarem. Todas ficavam com a mesma cara de besta, olhando pro teto,

enquanto eram finalizadas. Acabava com elas do mesmo jeito: encharcava as bucetas de porra e metia um balaço no meio da testa. Aquilo me dava um tesão do caralho. Olha, só de pensar, já fiquei de pau duro”.

Gargalhou.

As mãos de Jurandir tremiam. Pensava na mulher e nas duas filhas. Tentava refrear sua imaginação que insistia em pintar um quadro em que elas eram brutalizadas por aquele homem. Desejou que ele morresse.

Um disparo, a caneca se espatifando no chão, cinco segundos de silêncio, gritos descomunais.

João estava caído, berrando como um animal, as calças empapadas de sangue. Alguma coisa tinha explodido seus testículos. Jurandir tentava ordenar os pensamentos. Olhou ao redor e viu o forasteiro caolho segurando uma arma, ainda sentado no mesmo lugar. A superfície polida do revólver contrastava com a imundície da mão que o empunhava.

Ele se levantou e foi coxeando na perna direita até seu alvo. Quando encarou seu agressor, João soube que ali estava um sujeito ruim. Pensou em pedir misericórdia, mas seu mundo foi escurecido por um tiro no meio da testa.

O estranho sem nome abriu o tambor. As quatro balas restantes caíram aos seus pés. Colocou a *Smith & Wesson* sobre o balcão. Uma voz glacial saiu detrás do espesso bigode:

“Espero que isso pague o almoço”.

Jurandir tentou concordar, mas não conseguiu fazer nenhum gesto. Ficou olhando o forasteiro desaparecer no clarão da tarde, arrastando as sandálias no assoalho de madeira.

MURILO REIS nasceu em 1986. Graduado em Letras e mestrando em Estudos Literários, trabalha como mecânico montador de aviões na Embraer. É colaborador do sites Homo Literatus e Obvious. Administra e escreve no blog O paralelo.

CEvangelho do Infanticida

História e Cores
Valter do Carmo Moreira

Desenho
Francisco Elber

Eu odeio crianças.
Se existe um inferno,
ele deve estar cheio delas.

Já fora o tempo que as crianças
eram um símbolo de pureza e inocência;
Já fora o tempo em que depositávamos
nossas esperanças nelas;

Já fora o tempo em que eram tidas como:
“o milagre de vida”, tudo isso já fora.
Agora não passam de um **cancro**,
um furúnculo que nasce em nossas vidas.

Mesmo se você nunca teve nenhuma criança,
esteja certo de que, de alguma forma,
alguma vez na vida, uma criança chegará até você.
São agentes do **Caos**, disseminando
a apatia e a raiva no mundo,
desgraçados são todos aqueles
que fazem crianças.

Todos nós temos nossa parcela de **culpa**.
Seja por nossa constante indiferença,
por relevarmos tudo que faziam
por serem apenas “crianças”.

Por permitirmos que proliferassem cada vez **mais**,
num intervalo de tempo cada vez **menor**.
Por ficarmos de braços cruzados.
É eu sei, todos nós já fomos crianças,
e por isso mesmo é que deveríamos
ter consciência de seu **potencial destrutivo**.
Mas como iríamos suspeitar?
Como saberíamos que nossa indiferença,
nossa sonegação de responsabilidades
nos custaria tão caro?

Nossa ignorância não nos isenta de culpa.

Houve um tempo em que teríamos
chance de salvação,
se tivéssemos “separado o joio do trigo”.
Mas não demos a mínima,
deixamos que fosse colhido tudo junto,
permitimos que o joio suplantasse o
trigo, que então cresceu,
germinou e se multiplicou, devastando o solo.
Nessa terra **não nasce** mais trigo.
O joio irá nos consumir a todos.

Esse foi o começo do nosso fim.





Eu rio agora,
eles me chamavam de velho rabugento,
diziam que eu estava **senil**,
que odiava crianças por elas representarem
a minha **vitalidade perdida**,
por aspirarem por algo
que a muito me foi **tirado**,
por terem uma **vida inteira** à frente,
enquanto que eu estava **no fim**.

Antes fosse isso,
antes fossem apenas
uns resmungos de um velho decrépito,
bravo por essas pestinhas **atirarem pedras**
nas **minhas janelas**,
por **derrubarem bolas** no meu quintal,
ou **invadirem minha casa**
e **escalassem paredes** atrás de **pipas**,
comunicando-se com berros irascíveis
de seu dialeto imundo,
corrompido, gerado nas ruas.

Mas, ao invés de ver
uma criancinha inocente,
uma semente de esperança,
eu via em seu lugar,
um marginal em potencial, terroristas!

Assassinos perfeitos!

Pois em sua tenra idade
ainda **não** desenvolveram
o empecilho da **moral**, nada,
absolutamente nada os impede
de **trucidarem** aos outros
ou a si mesmos,
sem um pinga de remorso.

E eles riam de mim.

Há! Há!

Sou eu quem, infelizmente, ri agora.
Eles me chamavam de **louco, paranóico!**
Mas eu vi o potencial de aniquilação latente,
enquanto ainda não estavam
totalmente aflorados, **eu vi o futuro!**
Eu vi o nosso fim,
mas não me deram ouvidos.

O mundo virou de cabeça pra baixo,
as crianças, **não** mais temem
o bicho papão,

o velho do saco
ou **a loira do banheiro**,
todas essas superstições

que infestam o inconsciente coletivo,
fantasias de horror não mais as assombram,
as crianças **não tem mais imaginação**.
O refrão que tínhamos,
o **controle** passivo que exercíamos
sobre as crianças pequenas
não mais existe.

Esçarnecem de nossas tentativas tardias
e inúteis de impedir o avanço do mal.
Só restou a violência como resposta.

A relatos nas redondezas
de crianças bestiais
que comem velhinhos.

Bebes nascem prematuros,
com cinco seis meses,
já com dentes e pelos pubianos,
abrem caminho útero
a fora a mordidas.

Como meros homens
podem fazer frente a isso?

Malditos desgraçados
são aqueles que as fizeram!

Corja de miseráveis ignorantes!
Analfabetos e semi-letrados
molambentos!

Dos ventres
de cadelas bexiguentas
que viviam
abalroadas em pocilgas
semi-alvenisadas
em beiras de rios,
às margens
das cidades,
cães das ruas!

Todos eles!

Fungos!

Bactérias!

Germes!

Famintos e miseráveis!

Que mais nada faziam
alem de procriarem e
se multiplicarem
como malditos coelhos!
"imorríveis" pulgões!

Que junto
aos seus excrementos
erguem colônias
e mais colônias
de mofo infecto!
Era isso que
pensávamos no início.

Claro, ninguém
queria assumir
que dentro de
suas próprias casas,
mansões e
apartamentos luxuosos
estariam a semente
de sua **própria**
destruição.

Magnatas,
industriais,
empresários,
governantes,
figuras pop,
céticos, religiosos,
cientistas, todos!

"Acidentes"
adolescentes,

irresponsabilidades
de "homens de família",
estupros, orgias,

todos os tipos
de diversões desvairadas,

matrimônios, sexos antes, durante
e depois do casamento, tudo,
sem exceção, geraram crianças.

Todos, independentes de sua posição social,
cultural ou religiosa,
ninguém escapou a sua sina! **Crianças!**
Crianças!



Todos temos nossa parcela de culpa,
na cota da proliferação,
desses pequenos demônios.

Essas que ficavam abandonadas
enquanto seus pais
(ou coisa que o valha)

Crianças!

trabalhavam;
ou nas noites de sexta e domingo
em que iam fazer suas hipócritas preces
enquanto suas crias ficavam soltas,
sem controle, nas ruas,
absorvendo suas **impurezas**,
tornando-se delinqüentes,
traficantes,
marginais!

Embaixo dos narizes
de seus pais desnaturados,
que se preocupavam
mais na "fabricação" do próximo pentelinho,
que na educação do capetinha já existente.
Mas isso já não importa mais.
Todos agora estamos pagando
o preço por nossa negligência.

Somos todos pecadores aos olhos de Deus.
A humanidade pariu o advento do apocalipse.

Ensadecidos,
extirparam suas mulheres,
numa vã tentativa
de impedir o fluxo
dos pequenos demônios.
Mas já era tarde demais.
São tantos! **Tantos!**

A civilização como a conhecemos se foi.
A criança tomara o lugar do homem.
Uma nova era das trevas se iniciará.
Todos aqueles que diziam que:
"as crianças são o futuro!"
odiarão **saber** o quão estavam certos.

Mas nunca imaginariam esse **futuro distorcido**,
em que crianças depuseram o homem,
e **regrediram** na escala evolucionária,
assentando-se entre o bruto e o bestial.

A noite pode-se
ouvi-los urrarem.
Seus berros,
aos poucos,
foram tornando-se
monossílabos irascíveis.
Eles se alimentam
dos nossos mortos.

Estou ficando sem munição.
Temo pelo pior.

São tantas!
Tantas!

Malditas crianças!

Essas pestes,
com um metro,

um metro e meio de altura,
são como jaguares,
desenvolveram visão noturna
e um olfato de labrador.

Estão chegando.

O meu fim se aproxima.

Gastei alguns momentos
escrevendo as últimas linhas
dum diário.

Nele tentei mapear
toda a nova história
da humanidade,
desde quando tudo
começou a dar errado.

Finalmente chegamos ao Ômega,
o crepúsculo do homem,
ou pelo menos de como ele era.
Eu deveria estar orando agora,
pela salvação da minha alma.
Mas quem oraria ao Deus que o condenou?
Com essas minhas palavras finais,
eu o destituo esse Deus vigente,
e reescrevo o novo gênese,
que aqueles que a este diário encontrarem,
num futuro em que a humanidade
possa ascender novamente
a centelha da consciência e da razão,

que o homem do por vir
ache uma maneira de entender
o que escrevo
e aprenda com os erros
de seus ancestrais,
e que a partir daí,
darem continuidade
a aurora vindoura
do homem.

É estranho que alguém como eu,
que vivência cada minuto desse inferno,
destrinchando crianças,
comendo seus restos para sobreviver,
retardando o avanço do destino
que reside na chacina açoitada
por esses animais infantis,
logo eu, um velho sem fé, sem Deus,
tenha esperança.
Todo esse tempo,
registrei tudo o que vi,
para o homem do futuro.

Notas de uma
testemunha muda
do crepúsculo
da humanidade.
Talvez essa seja a
forma de perpetuar...
A mim mesmo.

Talvez
essa seja a minha fé:
ser lembrado.
A esperança de viver
na memória
do futuro.



Lá estão elas.



Se perguntando o que devem fazer:
comer os restos agonizantes
e ao avesso à sua frente;

Fugir;

Ou **virem** pra cima de mim.

Como homem,
Como velho,
eu lutarei inutilmente **contra** essas crianças.
Contra o futuro.

No fundo sei que sou mesmo
um velho rabugento,
e isso nunca deixou de ser
um **conflito de gerações**,

o velho contra o novo.
No fim tudo é um começo,
o mundo anda em círculos,
e o nosso se fechou agora.



VALTER DO CARMO MOREIRA é Professor, pesquisador e autor de histórias em quadrinhos, e também artista plástico. Escreveu e desenhou a HQ independente: *Inconcebível* (Amazon/Cosmic 2014). Realizou a exposição: *Entre eu e o outro: Um estudo sobre a figura imagética de Jorge Luis Borges* (2014). Portifólio e pesquisas no site: inconcebivel.wordpress.com.

FRANCISCO ELBER DOS SANTOS PEREIRA, nascido em 1979 na cidade de Guarulhos (SP), residente em São Paulo (SP). Estudou desenho na *Fábrica de Quadrinhos*, e *3D na Melies Escola de 3D e Animação*. Profissional especializado em serviços gráficos. Tem um Portfólio digital no site: *Deviantart: Corpse Hunter*.

TEMA DA PRÓXIMA EDIÇÃO:
SURREALISMO/DAVID LYNCH

O surrealismo foi protagonizado por gente como André Breton, Luis Buñuel, René Magritte e Salvador Dalí. No cinema contemporâneo, elegemos David Lynch como representante e referência dessa estética. Elementos estranhos, como se vazados de sonhos, cheios de sensualidade e violência são características que vemos em grandes obras como *Twin Peaks*, *Veludo Azul* e *Cidade dos Sonhos*.

Preparem seus sonhos/contos para submeter à próxima Pulp Fiction!

OBS: como nesta edição, a próxima será metade da revista (os primeiros 5 contos) com temática livre e a outra metade (os últimos 5 contos) dedicada ao tema oficial.

